VANGA... E EU

Fimka Gogova Mihailova

Tradução de Amadeu António

VANGA… E EU

Fimka Gogova Mihailova
Estrúmica, 2014

Dedico o livro aos meus netos Aleksandr, Kristina Trajche,
Fimka e Kosta
quem eu amo imenso...
VANJA... E ...EU

A 11 de agosto de 1996, o mundo despediu-se da famosa profetisa mundial Vanga – Vangélia Gushterova –, que durante cinquenta e cinco anos ajudou incansavelmente todos os que batiam à sua porta.

O desejo de escrever estas minhas memórias relacionadas com Vanga deve-se ao grande amor e admiração que sentia pela pessoa e pelo fenómeno que era Vanga, pelo seu imenso amor ao próximo e pelos seus esforços em dar tranquilidade e fé a todas as pessoas, inspirando-lhes coragem e esperança.

Ao longo de toda a história da humanidade, houve videntes, profetas e clarividentes, mas estes deixaram marcas apenas nos mitos e nas lendas. Vanga, porém, foi nossa contemporânea e os milagres realizava-os diante dos nossos olhos. Penetrava no passado, longínquo e recente, deixando-nos atónitos, no presente e no futuro, tocando os recantos mais secretos da nossa alma.

Ela curava dores da alma e do corpo, alcançava mundos desconhecidos e de lá trazia-nos informações sobre os milagres mais incríveis; fazia as suas profecias para uma pessoa, para povos inteiros, cidades, países, para todo o planeta, e comunicava com toda a natureza.

Para ela, não existia o conceito de natureza morta. Para ela, tudo o que nos rodeia é uma única entidade que vive e se desenvolve segundo regras e leis ainda desconhecidas para nós.

Fimka Gogova Mikhailova

«A alma humana é imortal», dizia ela.

«E quando eu partir, estarei sempre convosco. A natureza é indivisível, tem a sua própria linguagem e não deveis ofendê-la! Tentai tocá-la, aproximar-vos dela, e em troca ela dar-vos-á muito. Existe uma inteligência cósmica, existem outras civilizações que vós não podeis compreender.»

Muitas vezes ela dizia: «Chegou o tempo dos milagres e a ciência fará descobertas na área do imaterial. Os cientistas descobrirão muitos factos sobre o futuro do nosso planeta e do universo. Para isso, encontrarão dados nos antigos livros sagrados. Muitos segredos e antiguidades serão revelados.»

Ao longo da sua longa atividade diária, encontrava-se com pessoas muito diferentes, cada uma chegando com a sua própria aflição, mas ela tinha alguns padrões básicos para avaliar a qualidade das pessoas. Se dissesse «boa pessoa», para ela isso era um conceito amplo e indefinido. Se dissesse «honesto» ou «inteligente», significava que afirmava isso de forma precisa e categórica. Quanto a pessoas com más qualidades, especialmente com má moral, não hesitava em usar as palavras mais duras, chegando mesmo a expulsá-las sem falar com elas. Em todas as pessoas, valorizava a moral e a inteligência. Bastava um encontro para saber com que tipo de personalidade estava a lidar.

O nascimento de Vanga

Vanga nasceu a 31 de janeiro de 1911 em Strumica, República da Macedónia, numa família de pequenos agricultores. Do pai herdou a resistência física e o sentido de justiça, e da mãe o carácter alegre, o apego à ordem e à limpeza, que em Vanga se elevavam a culto.

Nasceu dois meses prematura, pequena, enrugada, e ninguém acreditava que aquela criança sobrevivesse. Mantiveram-na embrulhada em lã não cardada até completar nove meses. A avó de Vanga saiu à rua com a

intenção de dar ao bebé o nome da primeira pessoa que passasse. A primeira mulher sugeriu o nome Andromacha, mas a avó não gostou, não lhe agradou aquele nome, e esperou por outra passante que logo apareceu. Esta propôs o nome Vangélia, que a avó aceitou com satisfação. Vangélia, a quem chamavam Vanga, tinha três anos quando a mãe morreu no segundo parto.

Um ano depois, foi declarada a Primeira Guerra Mundial e o pai de Vanga, Pande, foi imediatamente mobilizado. Vanga, com três anos, ficou sozinha e os cuidados ficaram a cargo da vizinha Asanica, uma turca muito boa e sensível. Durante três anos não chegou nenhuma notícia do pai, mas um dia ele regressou e assumiu os cuidados da sua filha pequena. Os dois viviam uma vida muito pobre na sua pequena e modesta casa.

Vanga era uma menina travessa, de cabelos loiros e olhos azuis. Passava o dia inteiro a brincar com as crianças do bairro. Quando brincava com as outras crianças, gostava sobretudo de ser médica, e os seus amiguinhos eram os doentes que ela «curava».

O pai de Vanga viu-se obrigado a casar novamente porque lhe era difícil cuidar da criança e da casa. Em 1922, quando ela tinha 11 anos, nasceu o seu irmão Vasil, mas devido à grande pobreza que os atingiu depois de o Estado lhes ter confiscado todos os bens, mudaram-se para Novo Selo, na região de Strumica, para casa do irmão de Pande, Kostadin.

Um acontecimento trágico mudaria radicalmente a vida de Vanga. Tinha doze anos quando, numa tarde de primavera, regressava a casa com as duas primas e o burro depois de terem vendido o leite que recolheram dos compradores fora da aldeia. Dessa vez decidiram passar pela fonte de Hanska, que ficava no campo. Ninguém sabe o que aconteceu... De repente, o céu escureceu... Levantou-se uma tempestade e começou a soprar um vento forte que arrancava tudo à sua frente, quebrando até as jovens mudas que se curvavam até ao chão, arrancando-as com terra e atirando-as longe no campo...

As duas primas ficaram junto à fonte, mas o vento rolou Vanga dois quilómetros pelo campo, até ao lugar chamado Trnako. Ninguém sabe quanto tempo durou a tempestade, mas quando a encontraram, Vanga estava coberta de ramos e terra. Os olhos estavam muito feridos e cheios de sangue e, até à noite, juntamente com as íris, ficaram brancos... Trataram-na em Strumica, levaram-na a Skopje onde lhe fizeram duas operações, infelizmente sem sucesso. Os médicos sugeriram levá-la a Belgrado, com o

que o pai concordou, mas era necessário pagar 5000 dinares, muito dinheiro para a época.

Ele era bastante pobre e de modo nenhum conseguia juntar a quantia necessária, nem tinha o que vender. O amor e o cuidado do pai eram muito grandes e ele conseguiu metade do dinheiro necessário e enviou Vanga para Belgrado com um vizinho que ia visitar o filho. O homem levou Vanga ao médico, mas este não ficou satisfeito com metade do pagamento e disse-lhe: «Com esse dinheiro, faço-te meia operação.» Ao regressar a casa, Vanga ainda via um pouco, mas a vida de pobreza não permitiu que o seu organismo recuperasse.

Em 1924 nasceu-lhe outro irmão, Tome, mais uma boca para alimentar. Vanga perdeu completamente a visão e chorava noites inteiras, sem conseguir conformar-se com aquele destino negro. Os vizinhos aconselharam o pai a mandá-la para Zemun, para um lar de crianças cegas. Em 1925, ela recebeu a notícia de que podia ir para Zemun. Tinha então 15 anos.

A chegada ao lar foi para ela muito interessante. Pela primeira vez vestiu roupa bonita e sapatos confortáveis. Sentia-se como uma imperatriz! Ensinaram-lhe o alfabeto Braille. As raparigas aprendiam a cozinhar, a tricotar, a limpar e a arrumar. Aprendeu a tocar piano... No lar permaneceu três anos. Ali viveu também o primeiro amor, sentiu o coração tremer ao ouvir a voz de Dimitar, o rapaz de Djavato, na região de Gevgelija. Um dia, o rapaz confessou-lhe que a amava e queria casar com ela. Os pais dele eram ricos. Concordaram com o casamento.

Como era costume, ela pediu a bênção ao pai. Em vez de bênção, recebeu uma carta em que ele a chamava imediatamente para casa para cuidar das crianças, pois em 1925 nascera uma menina, Ljupka. A família aumentara e precisavam da ajuda dela. Também a segunda mulher de Pande morreu no parto do quarto filho. Assim, Vanga tornou-se cuidadora, dona de casa e mãe de três crianças pequenas.

A grande pobreza apertava-os tanto que as crianças raramente comiam até ficarem saciadas. Andavam sem roupa nem sapatos, sem lenha nos dias frios de inverno. Elas próprias recolhiam pinhas e ramos na colina próxima.

Apesar da vida dura, Vanga era saudável e não adoecia. A doença vem facilmente, mas vai-se com dificuldade. Em 1939, ela adoeceu com pleurisia. Durante quase oito meses pairou entre a vida e a morte. Estava tão fraca que a irmã Ljupka, nos dias quentes, a colocava numa tina e

levava-a ao sol. O corpo estava todo coberto de feridas. Todos esperavam a sua morte. Mas, como diz o povo, se há vida, há remédio.

Um dia, Ljupka foi buscar água à fonte que ficava um pouco mais longe. Quando regressou a casa, encontrou Vanga a varrer o quintal. Nada indicava que estivera à beira da morte. Estava apenas um pouco mais pálida do que o habitual. Os movimentos das mãos eram fortes e seguros, como os de uma pessoa saudável. Vanga, ao «ver» a irmã com os cântaros, disse-lhe:

– Temos de varrer, para ficar limpo, porque em breve aqui vão começar a chegar muitas pessoas!

O pai delas, Pande, tornou-se pastor em Hamzali e levou as duas filhas consigo. Um dia, foram à fonte buscar água. Vanga ficou imóvel e silenciosa, como se visse algo invisível, e de repente disse a Ljupka: «Não tenhas medo, estava só a falar com um homem. Ele era cavaleiro e veio dar de beber ao cavalo.»

E nas proximidades não havia ninguém...

Em 1940, o pai adoeceu e, após longa doença, morreu, enquanto os irmãos trabalhavam como pastorinhos nas aldeias vizinhas. Não tinham dinheiro nem para o funeral, que foi organizado pela Igreja Católica. As duas irmãs ficaram sozinhas, sem meios de subsistência.

Um dia, em 1941, entrou no quintal um cavaleiro – loiro, belo, vestido com armadura, como um guerreiro antigo. Brillava à luz pálida da lua! O cavalo agitava a cauda branca e batia com os cascos. Parou diante do portão de Vanga. Desmontou e entrou na pequena divisão escura. Dele irradiava tal luz que lá dentro estava claro como em pleno dia. Virou-se para Vanga e falou em voz alta: «Em breve o mundo vai estremecer e muitos povos perder-se-ão. Ficarás nesse lugar e profetizarás sobre mortos e vivos. Não tenhas medo! Estarei ao teu lado e direi o que deves transmitir.» Perturbada, Vanga contou tudo a Ljupka e até de manhã nenhuma das duas conseguiu dormir.

A 6 de abril de 1941 começou a guerra na então Jugoslávia. Começaram as prisões, as deportações... As pessoas passavam meses sem saber dos seus entes mais queridos, mas Vanga permanecia de pé na sua pequena divisão e da sua boca saía outra voz que, com grande precisão, falava dos acontecimentos, dos maridos desaparecidos que regressariam vivos e saudáveis e daqueles que seriam atingidos pela desgraça. Começou a ver e a contar às pessoas todos os problemas que tinham na vida.

Ao longo de 1942, a fronteira com a Bulgária foi aberta e muitas pessoas de Petrich vinham pedir ajuda a Vanga. Um dia, chegaram ao quintal soldados. Entre eles estava um rapaz moreno chamado Dimitar Gushterov. Tinha 23 anos. Veio perguntar quem matara o seu irmão, mas Vanga disse-lhe:

– Não te vingues! Estarás vivo e serás testemunha do fim deles.

Dimitar ficou tão impressionado com o que Vanga lhe disse que voltou mais algumas vezes.

Um dia, Vanga disse a Ljupka:

– Este rapaz quer casar comigo e por isso ambas iremos para Petrich. Lá viveremos!

A 22 de abril de 1942, Vanga partiu para Petrich com apenas um xaile nas mãos que ela própria tricotara. Da casa do pai levou um tacho de cobre e uma panela pequena e, com o coração pesado, pendurou o grande cadeado na porta.

A fama da mulher cega e vidente espalhou-se rapidamente e o quintal de Vanga começou a encher-se de gente dia e noite. Viveu vinte anos casada com o marido que, embora doente, construiu uma nova casa. Nesse intervalo, adotaram uma menina chamada Venetka. A doença começou a tirar completamente as forças a Dimitar, de tal modo que nem os médicos nem a própria Vanga podiam fazer nada, vendo como a solidão voltaria a instalar-se na sua alma.

Ela dizia muitas vezes: «O maior companheiro da minha vida foi a solidão.» Isso soa um pouco paradoxal, pois passava o dia inteiro em contacto com muita gente, mas cada um vinha com a sua aflição, esperava uma resposta dela e partia. Raramente alguém dos visitantes se lembrava de perguntar como ela estava, se tinha alguma aflição, se precisava de ajuda ou até de uma simples conversa humana.

A casa de Vanga ficava junto ao mercado, mas o espaço era demasiado pequeno para acolher a multidão que esperava dias inteiros em número cada vez maior. Um dia, com alguns amigos, foi a um piquenique na localidade de Rupite. À noite, em sonho, apareceu-lhe Santa Petka e disse-lhe: «Deves mudar-te para aqui, para Rupite, junto às fontes termais.»

Perto da aldeia de Prepechene, entre as cidades de Petrich e Sandanski, existe uma localidade, Rupite, conhecida pelas suas fontes termais minerais. O lugar é cercado pela montanha Kozhuh, e ao seu sopé

estende-se o leito seco do rio Struma. Ali Vanga escolheu a sua residência e na sua pequena casa trabalhava e descansava no silêncio da natureza.

«Este lugar é muito especial, serve-me como fonte de onde retiro a energia e a força. Outrora aqui ardeu um grande e terrível fogo, e esta crista acima de nós esconde um grande segredo. Este lugar é também uma rota migratória de aves. Por aqui passam os grandes bandos de aves quando vão e regressam do sul, mas porque se concentram neste lugar – não sei. Os vossos olhos não veem nada! Este lugar é também uma grande praça para as naves dos extraterrestres.

Uma vez vieram à minha porta. Há milhares de anos havia aqui uma grande cidade chamada Petra. As pessoas que aqui viviam eram robustas e vestiam roupas prateadas como folha de estanho; eram muito espirituais. O rio que corria pela cidade era aurífero e cada recém-nascido era mergulhado nele. Os portões da cidade eram ornamentados com grandes animais dourados. Na cidade havia três templos: «Santa Petka», «Santa Bogoroditsa» e «São Pantaleão».

A grande erupção do vulcão que explodiu na montanha Kozhuh sepultou a cidade com a sua lava quente. Milhares de pessoas ficaram soterradas» – contava Vanga. «E ainda hoje ouço os suspiros das pessoas soterradas pela lava ardente», continuava ela. «Isso aconteceu a 15 de outubro. O abismo ardente que engoliu este lugar agora envia-nos os seus vapores quentes para nos curarmos. O meu pedido a todos vós é que no futuro continuem a respeitar esse dia, a prestar homenagem a todos os que pereceram ao longo dos tempos.»

Vanga, logo na primeira visita a Rupite, viu que um dia ali se ergueria uma grande igreja dedicada a Santa Petka e um mosteiro feminino. Hoje, se o caminho vos levar a Rupite, de longe vereis a igreja «Santa Petka» branca, como uma pomba branca de asas abertas ao sopé da montanha Kozhuh. Ela gastou a última energia vital na construção da igreja. Embora a doença a tivesse fortemente debilitado, o desejo de assistir à consagração foi-lhe concedido e Deus deu-lhe força para viver até esse dia. Hoje, o seu corpo repousa do lado direito, em frente à igreja, e a sua imagem está pintada em fresco alto acima da porta de entrada.

Por desejo dela, foi criada a fundação «Vanga» que gere todo o complexo em Rupite, e a casa de Vanga em Petrich foi transformada em museu que todos os dias é visitado por muitas pessoas de todos os cantos do mundo.

– É menina! – exclamou a avó Fimka, alegre e emocionada por a sua primeira neta ter nascido exatamente no dia do seu aniversário. A alegria foi grande, embora a época não fosse para alegrar-se. 1942 acabara de começar a Segunda Guerra Mundial.

Por todo o lado, medo e tremor: o que acontecerá connosco e com a vida dos mais próximos espalhados por todo o país? Portanto, nasci e dei os primeiros passos da minha infância numa época tão incerta e imprevisível.

Apesar da guerra, que levou muitas vidas, a vida não para. Casavam-se e matrimoniavam-se, nasciam crianças, morria-se... e continuava-se segundo algum plano que alguém traçara por nós.

Num tempo tão difícil e sombrio, também eu vim a este mundo, trazendo alegria e luz à minha família. Seguiam-se também os costumes, os nossos, macedónios, como parte inseparável da nossa existência. Transmitidos desde tempos imemoriais, de geração em geração, conservaram-se até hoje: o partir do pão na terceira noite sobre a cabeça do recém-nascido, para que a sua sorte se abra. Segundo o costume, o pão deve ser partido por uma criança do sexo masculino com pai e mãe vivos.

O mais próximo de nós era o Trajcho de sete anos, filho dos vizinhos, separados apenas por uma cerca. Foi ele quem me partiu o pão e a sorte. Acaso, ou dedo do destino, a essa criança eu chamava «irmão Trajcho», e mais tarde tornou-se meu companheiro de vida por um curto período da minha existência. Mas disso falarei mais adiante.

Se soubéssemos e pudéssemos, algumas coisas na vida nunca as faríamos ou evitaríamos. Mas, segundo o plano d'Aquele que nos criou, nada podemos mudar. Tudo acontecerá como tem de ser. Nisso acreditava também a mais famosa vidente dos Balcãs, baba Vanga. Nisso, aos meus 72 anos, hoje acredito também eu. Isso aprendi nos frequentes encontros e conversas que tive com esta mulher – fenómeno. Vanga era nossa vizinha.

Do lado sul, a casa dela e a nossa eram separadas por uma cerca de canas. Tia Vanga, assim a chamava desde que a conheci, era a vizinha mais próxima e também amiga da minha mãe. Embora mais tarde separadas por uma fronteira, a amizade delas durou até à morte. É exatamente esta amizade e os meus preciosos encontros com esta mulher maravilhosa que dedicam a maior parte deste livro. Os nossos antepassados respeitavam muito os vizinhos. E confiavam neles. Os quintais eram separados por cercas, e as cercas de varas eram fáceis de remover, de modo que os quintais vizinhos ficavam sem fronteiras...

Isso permitia que as relações entre as pessoas fossem mais fortes, que se vissem mais vezes, que fossem mais abertas e sinceras. Partilhava-se não só a palavra, mas também o pão. Cresceram com os costumes do povo e educados no espírito popular, os nossos antepassados guiavam-se pela sabedoria popular, segundo a qual primeiro vemos o vizinho e só depois o Sol. Por isso partilhavam sinceramente tanto a alegria como a tristeza; ajudavam-se nas tarefas domésticas; teciam; bordavam; tricotavam... Assim se equipavam as casas, assim se preparava também o enxoval das raparigas. A minha mãe era costureira. Curvada, passava o dia inteiro a trabalhar na máquina de costura, enquanto a minha avó tratava das tarefas da casa. Tia Vanga, do nosso bairro e de Strumica, mudou-se logo após o meu nascimento e, até a conhecer pela primeira vez, tudo o que sabia sobre ela vinha dos relatos da minha mãe.

Naquela época, era raro haver uma casa onde, além de outras coisas, não se cultivasse também tabaco. Todo o nosso bairro cheirava a tabaco. As fiadas, penduradas nos andaimes, secavam ao sol, e à sombra enfiavam-se as folhas recém-colhidas. Folha a folha, como na canção «Os Colhedores de Tabaco» de Kocho Racin. Trabalho duro e penoso, até se fazerem os fardos e se pronunciar a palavra krchma! Essa palavra significava o fim das aflições do tabaco para aquele ano, um pouco mais de dinheiro e um «trapinho» para cada um, como dizia a minha mãe. Éramos duas crianças, eu e o meu irmão, e não era difícil satisfazer os nossos desejos.

O momento mais belo que esperávamos com ansiedade era a travessa com halva de sêmola.* Nessa verdadeira festa para nós na altura, pensávamos constantemente enquanto enfiávamos o tabaco. Hoje, quando nas minhas recordações volto a esses momentos da minha vida, na alma sinto tanto tristeza como amor por aquela infância. Que pouco era preciso para realizar um grande desejo, para alegrar o coração e encher a alma de felicidade!

Estes sentimentos estão profundamente guardados na minha alma, como valores preciosos de uma geração. Eu, desde pequena, era uma rapariga vivaça. Interessava-me por tudo e andava sempre a meter-me no tear da minha avó, na máquina de costura da minha mãe, nas tarefas domésticas...

**(Sobremesa tradicional do Oriente Médio, Balcãs e Mediterrâneo, especialmente popular na Turquia, Grécia, Irã e outros países da região.)*

Aprendia a enrolar banitsa, e era boa na escola. Como todas as crianças daquela idade, também eu tinha os meus sonhos: o que seria quando crescesse? Queria muitas coisas, mas mais frequentemente imaginava-me de uniforme branco, enfermeira a ajudar os doentes. O meu pai – nem queria ouvir falar disso. Nessa idade, separar-me de casa?! E a Escola Média só existia em Skopje. Mas o que tem de ser, será... Após concluir o ensino básico no ano letivo de 1957/1958, inscrevi-me na Escola Médica Secundária em Skopje.

Fiquei felicíssima, mas sentia falta do cheiro do tabaco, da colheita nas primeiras horas da manhã, do lar quente... Em silêncio, corríamos para o campo, mas o meu coração dormia, apesar da frescura da manhã. E tudo tem a sua beleza – o alcatrão que se cola às mãos, o nascer do sol, o roncar do estômago... O importante era encher os sacos. Depois de enfiarmos o tabaco, entregávamo-nos à frescura da tarde e, depois, ao descanso noturno. Todos dormíamos ao ar livre, nas varandas ou mesmo sob o céu aberto. Ninguém tinha medo de nada, não havia ladrões, e também não havia o que roubar. Nessas noites de verão, eu sonhava de olhos abertos.

Olhava para as estrelas e perguntava-me quantas seriam, quão longe estariam, para parecerem luzes... No fundo do quintal, onde fazíamos fronteira com o quintal da tia Vanga, tinham crescido canas altas até três metros. À noite, o vento balançava-as, e o seu sussurro criava uma melodia tão mágica que aos poucos me adormecia... Tudo o que vinha dali, do quintal onde outrora vivera esta mulher vidente, para mim era misterioso. A infância ia passando devagar. Fiz 15 anos e a vida trazia-me acontecimentos ainda mais incertos e emocionantes. Sentia-me adulta.

Comecei a sair com as amigas. Na Escola Agrícola, aos domingos havia matiné, baile diurno, onde nasciam novos conhecidos e as primeiras simpatias. Uma noite, acompanhou-me a casa um rapaz que gostava de mim, mas eu era reservada porque em breve iria para Skopje estudar. Quando entrei no portão, estava tudo escuro. Os meus já dormiam, pois no dia seguinte era preciso levantar cedo para a colheita do tabaco. Um pouco excitada do encontro anterior, o sono não chegava. Deitei-me no colchão e olhei para as estrelas, como se delas buscasse a resposta para todas as perguntas que me atormentavam.

Assim deitada, meio a dormir, das canas junto ao quintal da tia Vanga veio uma voz, como se saísse da terra: – Fii-m-ka-a-a! Fii-m-ka-a-a-a! Fii-m-ka-a- a-a! Três vezes, arrastada, através do sussurro das canas, ouvi o

meu nome, e a voz continuou: – Não te enganes! O teu lugar não é lá! O teu lugar é do outro lado da cerca! Estarei a sonhar ou a ouvir acordada!? Levantei-me, sentei-me na cama e olhei na direção de onde vinha a voz. Alguém como se tivesse escondido e dali me chamava. Durante algum tempo, escutei assustada, mas não ouvi nada além do silêncio...

Pensando que estranho fenómeno seria aquele, adormeci. Passou o verão. Chegou setembro. Para minha grande satisfação e felicidade, parti para Skopje, para a escola. Depois da pobreza em casa, o internato da minha escola, onde fui alojada, parecia-me um hotel de categoria «B». Quatro raparigas por quarto, com aquecimento central e casa de banho, sentíamo-nos maravilhosamente. Os meus pais, especialmente o meu pai, estavam tranquilos. No internato havia ordem para tudo.

Tudo funcionava segundo regras rigorosas de estudo e saídas para a cidade. Isso permitiu-me concluir a Escola Médica Secundária com excelente aproveitamento e regressar feliz a casa. Tive também sorte com o emprego, pois na altura as enfermeiras contavam-se pelos dedos. Chamaram-me de casa por mensageiro e comecei a trabalhar no Hospital de Strumica. O verão de 1961 foi para mim significativo por mais um acontecimento.

Em agosto, noivei com o meu primeiro vizinho do outro lado da cerca, aquele que partira o pão sobre a minha cabeça; aquele a quem sempre chamei «irmão Trajcho». Na altura ainda não me lembrava da voz que me viera das canas da baba Vanga: «O teu lugar é do outro lado da cerca!» Pois aconteceu, e as palavras tornaram-se realidade! Trajcho era estudante da Faculdade de Tecnologia em Liubliana, na área têxtil. Tinha três irmãs casadas e pais idosos.

Há mais tempo pensavam em mim como futura nora, mas eu nunca tinha pensado nisso. Mas o destino nada deixa ao acaso. O que tem de acontecer, acontecerá. Realizou-se o noivado. Trajcho continuou os estudos, e eu o meu trabalho no hospital. No verão seguinte, em agosto, foi o nosso casamento. Esperei mais três anos até Trajcho concluir a faculdade. Nesse intervalo, vivi com os pais dele. Nasceu o nosso filho Mitko, e a filha Suzana nasceu duas semanas após a formatura do pai. Finalmente, regressou a casa.

Reunimo-nos todos – Trajcho, eu e os nossos filhos – e acreditava que nos esperava um futuro feliz. Um ano antes de começarmos a nossa vida em comum, num dia de 1961, encontrei pela primeira vez a tia Vanga. Até

então, tudo o que sabia sobre ela e o seu poder vinha da minha mãe. Lembro-me bem... Nesse dia, de repente e inesperadamente, entrou no nosso quintal uma mulher cega acompanhada por outra mulher e dois homens. Sem ninguém me dizer pessoalmente que era Ela, eu já sabia. Seguiu-se um encontro muito comovente entre a minha mãe e a tia Vanga. Não se viam há dezanove anos inteiros!

Na altura ela tinha cinquenta anos, e a outra mulher era a sua irmã mais nova, Ljupka. Com espantosa rapidez, pelo bairro e mais além, espalhou-se a notícia da sua chegada. O nosso quintal encheu-se de gente. Todos queriam vê-la e saudar a famosa baba Vanga. Connosco ficaram três horas em conversa cordial e espontânea com a minha mãe, e depois partiram. Nesse dia ela tinha um protocolo de com quem se encontraria e para onde iria. Como soube mais tarde, visitou depois o túmulo do seu irmão Vasil Surchev no cemitério de Strumica.

Morreu como partisans. Embora tivesse visto a sua morte, a tia Vanga não pôde impedir o seu assassinato. Em memória de Vasil Surchev, em Strumica existe ainda hoje uma rua com o seu nome. Neste encontro, a minha mãe e as duas visitas falaram de coisas comuns. Eu fiquei fascinada pela sua aparência modesta, pela sua atitude simples e direta, embora carregasse dentro de si um grande peso. Isso compreendi nos encontros e conversas seguintes com esta mulher extraordinária, que em curtos períodos duraram até ao fim da sua vida.

O significado de algumas das suas palavras e relatos só os entendi muito mais tarde na minha vida. Passaram dezassete anos desde a sua morte, e ela está constantemente comigo e nos meus sonhos. Acredito que a tia Vanga ainda hoje me ajuda a superar os problemas do dia a dia. Assim também falava: «E mesmo quando eu não estiver, estarei sempre convosco.» A ideia de escrever este livro, caros leitores, e nele partilhar convosco todo o património espiritual que guardo em mim desta mulher – fenómeno, nasceu de repente. Como um pensamento, como uma inevitabilidade, como uma missão traçada... enquanto estiver neste mundo, preservar do esquecimento o fenómeno baba Vanga de Rupite, perto de Petrich.

Para que as gerações que estão para vir leiam sobre ela e a conheçam. Porque nada acontece sem razão. Assim nasceu também a minha ideia. Foi ela que ma incutiu na cabeça, através de uma conversa comum, mas, acredito, não casual, um nosso parente de Blagoevgrad. Krsto Pavlov,

agora arquiteto reformado, vem visitar-nos há longos anos, por vezes duas vezes por ano. Tema inevitável das nossas longas conversas era baba Vanga, a sua vidência e a incrível precisão na previsão de acontecimentos, de destinos humanos e o seu poder de ajudar as pessoas. Essas suas qualidades fascinavam-nos! Para nós tudo isso era tão estranho, maravilhoso e desconhecido!

Ouvindo os meus conhecimentos sobre baba Vanga e o seu poder sobrenatural, o senhor Krsto Pavlov, na nossa última conversa, disse-me: – Fimka, porque não pegas num caderno e numa caneta e escreves tudo isto? Afinal, a palavra escrita permanece, enquanto a dita o vento leva!? Foi o que bastou, pois tudo isto já amadurecia há mais tempo nos meus pensamentos. Decidi pôr no papel tudo o que me lembrasse dos nossos encontros e conversas. Sou uma pessoa comum, com capacidade média para escrever, mas tentarei contar os acontecimentos de forma autêntica e simples.

Agora, ao escrever estas linhas, acredito que a visita do senhor Krsto em novembro não foi por acaso. Alguém «do outro lado», e talvez a própria tia Vanga, quis que eu transcrevesse esta ideia para o papel. Nos meus pensamentos e preces à tia Vanga, peço também a sua ajuda e bênção para escrever este livro. Ela sabe melhor como concluir esta minha, talvez última missão terrena, enquanto a memória ainda me serve. A esperança, depois do amor, é o que nos mantém vivos. A formatura de Trajcho trouxe à nossa família esperança num futuro feliz. No diploma escrevia: «154.º engenheiro têxtil» na (antiga) Jugoslávia.

Um jovem engenheiro cheio de esperança que imediatamente se empregou na fiação «Strumichanka» em Strumica. A nossa vida mudou da noite para o dia! Renovámos a casa. Comprámos também um televisor. Nos últimos três anos, além do trabalho, da criança e das duas gravidezes, não tinha mais nada. O único contacto com o mundo exterior era o pequeno rádio e algum livro lido. Agora chegou à nossa casa o televisor, e não sei quem se alegrava mais com ele – as crianças ou a minha sogra. Ela não se cansava de admirar como numa caixa cabia tanta gente. Muitas vezes queixava-se de que o nosso rádio não sabia cantar uma única canção autêntica, enquanto o da cunhada mais velha cantava belas canções o dia inteiro.

Geracional e intelectualmente, entre elas e mim havia uma grande diferença, mas os anos passaram, esperando que depois do mau viesse

também o bom. Após quatro anos de espera pelo meu marido, não precisava de muito para ser feliz com ele e os dois filhos. A minha filha, Suzana, acabara de nascer. O segundo encontro com a tia Vanga aconteceu no outono de 1966. A minha sogra era originária da Macedónia do Mar Egeu. Durante as Guerras dos Balcãs, instalaram-se em Strumica, e as suas duas irmãs em Topolovgrad, na República da Bulgária.

Desde então nunca se tinham visto e tínhamos um grande desejo de pelo menos nós irmos saber como estavam. Ao partir, tanto a minha mãe como a minha sogra nos encarregaram de, ao passar por Petrich, visitar obrigatoriamente a tia Vanga e perguntar-lhe um remédio para ambas. A minha mãe, depois de passar o dia inteiro curvada sobre a máquina de costura, tinha constantemente dores de cabeça, e a minha sogra queixava-se do joelho. À noite, a minha mãe punha rodelas de batata na cabeça, e na coroa aplicava rakia.

Para Petrich íamos por vezes dar um passeio, mas esta era a primeira vez que visitava a tia Vanga em sua casa. Lá iam pessoas que tinham alguma aflição. A minha vida não era fácil, mas não precisava dela.

Era domingo, por volta das duas da tarde. Encontrámos facilmente a casa dela. Ficava no centro de Petrich, perto do mercado. Tinha rés do chão e andar. À frente da casa, um belo jardim cheio de flores. Do portão até à parte de trás do quintal ia um caminho de betão. A tia Vanga não estava em casa. Disseram-nos que regressaria em breve. «Hoje é domingo e ela não trabalha», avisaram-nos.

Pouco depois, ela chegou juntamente com a irmã Ljupka. Entraram imediatamente no quintal. Eu segui-as, enquanto Trajcho ficou à frente do portão. Corri atrás delas. Alcancei-as a meio do caminho e dirigi-me a ela com reverência:

– Tia Vanga, sou a Fimka, filha da Kristina!

Ela continuou a andar como se não me ouvisse e, enquanto caminhava, disse-me:

– Grandes bolas de quem quer que sejas filha!

Não esperava essa atitude. Fiquei petrificada e com vontade de chorar, enquanto as duas continuavam para trás da casa. Fico ali parada como uma estátua, sem me mexer. Trajcho, que estava à frente do portão, ao ouvir as palavras dela, gritou-me:

– Anda lá, o que é isso... a mãe!

No mesmo instante, a tia Vanga apareceu de trás da casa e disse:

– O que é isso, Trajcho, tornaste-te um grande homem!

Depois virou-se para mim...

– Vem cá ver o que queres!

Olhámo-nos os dois, perguntando com os olhos: como sabe ela que vim com Trajcho?

Entrámos no quintal de trás. Ela sentou-se num banco. Estávamos à frente dela como num banco dos réus e em silêncio. De repente, virou-se para Trajcho:

– O que fazes tu? O que são esses fios à tua volta?

– Sou engenheiro! – respondeu-lhe ele.

– Que engenheiro, com fios é que te ocupas? – perguntou-lhe novamente.

– Sou engenheiro têxtil! – disse-lhe ele.

Depois virou-se para mim:

– Tu, ó rapariga, o que é esse chapéu na cabeça, por seres filha do Vancho?

Eu calo-me, não tenho resposta. Portanto, vê também o chapéu na minha cabeça.

Como se a raiva lhe tivesse passado e já mais calma, perguntou quantos filhos tínhamos, como estávamos em casa, perguntou pelos vizinhos, pelos seus parentes Churlinovi e para onde íamos.

Depois de conversarmos, como se quisesse dizer: «Basta!», mas eu antecipei-me:

– Tia Vanga, digo-lhe, a minha sogra e a minha mãe mandam-te muitas saudações e perguntam que remédio lhes indicas?

E ela imediatamente:

– Que remédio, ó rapariga? Diz à Kristina que as batatas que põe na cabeça as faça em guisado, e a rakia que a beba o Vancho (o meu pai), que assim lhe sabe muito doce! À tua sogra dir-lhe-ás que com esse joelho morrerá. Agora ide para onde íeis, que eu também quero descansar!

Assim terminou o meu segundo, e o primeiro de Trajcho, encontro com a tia Vanga. Ficámos tão confusos que pelo caminho só falávamos disso.

Ao regressar a casa, não tínhamos boas notícias para a minha mãe nem para a minha sogra. A minha sogra morreu dezoito meses depois, enquanto a minha mãe continuou com a sua terapia mais dezasseis anos, até morrer.

A vida continuava, deixando-nos na esperança de que o dia de amanhã seria melhor do que o de hoje. Trajcho dizia muitas vezes: «Mais um pouco, minha noiva, serás a mulher mais feliz.»

Passávamos as férias de verão com as crianças no Lago Dojran. Lá, a fiação «Strumichanka» tinha campos que ficavam a poucos metros do lago. As crianças levantavam-se cedo e às seis da manhã já entravam nas águas quentes de Dojran. O pai delas pescava, e elas passavam o dia inteiro à volta dele, guardando os peixes nos seus pequenos baldes.

Na primavera de 1968 comprámos um carro usado ao meu tio de Belgrado. Ele comprou um novo e nós ficámos com o seu «Opel Olympia».

Na família – verdadeira alegria. As crianças alegravam-se, nós também. Agora, aos domingos, podíamos ir a Dojran, e muitas vezes íamos a Petrich, comer uma boa grelhada na cafetaria «Javorite». A vida mudou, tornou-se mais divertida. Eu sentia-me tão feliz que tinha inveja de mim própria. No verão seguinte, gozámos duas semanas nas praias de Dojran com as crianças. Foram as últimas férias delas com o pai. Mitko tinha seis anos, e Suzana quatro. Eram pequeninos, nas recordações deles há apenas memórias ténues. Mitko, por ser mais velho, ainda vive com

a imagem de como punha no balde os peixes que o pai apanhava.

Se soubéssemos o que o destino nos traçara, poderíamos mudar algo?

Quem sabe...!?

A tia Vanga dizia muitas vezes: «Eh, se dissesse às pessoas tudo o que vejo, no momento desejariam partir deste mundo.»

Hoje, e nos anos passados, pergunto-me muitas vezes se, quando a visitámos com Trajcho, ela viu o nosso destino? Se por isso quis evitar-nos e foi tão dura?

Perguntas e só perguntas... Sem respostas!

Após as férias com as crianças em Dojran, eu e Trajcho pensámos prolongar as férias de verão só os dois. Deixaríamos as crianças com a minha mãe, e nós passaríamos dez dias no Mar Negro, na Bulgária. Esperei quatro anos pelo meu marido, e já trabalhava há quatro. Podíamos permitir-nos férias prolongadas. Levaríamos também o meu sogro para se encontrar com os parentes em Topolovgrad. Nunca saíra de Strumica em toda a vida.

Era meados de agosto de 1969 quando estávamos prontos para partir. Numa manhã, entrámos no carro – eu e Trajcho à frente, e o meu sogro no banco de trás. A minha mãe, com uma criança ao colo, estava ali para nos

despedir. Antes de partir, instintivamente tirei moedas da carteira e dei-as à minha mãe, dizendo:

– Acende velas a «São Quinze», para nos protegerem do mal, pois espera-nos uma longa viagem!

Trajcho, que nunca permitia que a minha mãe levasse as crianças à igreja, nem agora aguentou:

– Ó sogra, acende uma vela para que Deus proteja a tua filha!

– Se é assim, genro, acenderei por todos – disse a minha mãe.

– Não, não... Acende só por ela! – falou ele e ligou o carro.

Eu persignei-me. «Deus, protege-nos!» No dia anterior, num acidente de viação perto do rio Trkajna, morreram três pessoas. À noite conversámos e eu exprimi os meus medos, dizendo-lhe que tinha medo de que nos acontecesse algo mau. A isso ele respondeu:

– Ó minha noiva, não precisas de ir à Bulgária para morrer. Vês, as pessoas morreram em casa, em Trkajna.

Não só ele, toda a família dele acreditava que não havia nada, que a vida era aqui, na terra.

Eu, porém, acreditava profundamente, e ainda acredito, que vivemos segundo o plano de Deus.

Na Bulgária, de Stara Zagora enviámos o sogro de táxi para os parentes em Topolovgrad, e nós continuámos de Burgas para Varna. Passámos dez dias inesquecíveis. Desde que casámos, era a primeira vez que estávamos sozinhos. Gozámos tanto, como se soubéssemos que era a última vez e nunca mais se repetiria. No regresso, passámos por Topolovgrad para ir buscar o sogro, pai de Trajcho.

Com os parentes ficámos apenas dois dias. Aproximava-se o primeiro de setembro. Tínhamos de regressar e levar o nosso filho Mitko para o primeiro ano escolar.

À noite dormimos com os parentes. Sonho que estou diante de um grande espelho com um vestido branco e cabelo longo. Olho-me e penso: «Deus, nunca na vida fui tão bela!» De manhã contei o sonho à prima, e ela interpretou-o assim: «Cabelo longo é preocupação. Deixaste duas crianças pequenas em casa, talvez tenham adoecido?»

Na noite seguinte, era quinta-feira antes de sexta. Reuniram-se todos os parentes como para uma despedida, quem sabe quando nos veríamos novamente. Jantámos, rimo-nos, divertimo-nos, cantámos todas as nossas canções e ficámos acordados até tarde. Nessa noite sonhei o seguinte:

Viajávamos de carro e de repente abre-se o capô, enquanto do sentido contrário vem um camião. Com grande estrondo, embatemos no camião. No sonho vejo Trajcho curvado sobre o volante, e o meu sogro ao lado dele a sufocar em sangue. Eu afundo-me no vazio e acordo do sonho...

O sonho perturbou-me muito. Não consegui voltar a dormir. Levantámo-nos cedo. Era sexta-feira, 29 de agosto. «Deus, protege-nos!», digo para mim. E aos parentes disse que sonhara um sonho mau, mas não o contei. Trajcho, por sua vez, sonhara que casara com uma búlgara e ficara na Bulgária. Despediram-nos com ramos de flores. Da distância de hoje, isto é realmente invulgar. Com flores vai-se a visitas, mas os hóspedes nunca são despedidos com flores.

Pus os ramos atrás dos bancos. Connosco no carro subiu também uma prima que viajava para Sófia. A mulher tinha bilhete para o dia anterior, mas para nos vermos melhor, concordou em viajar connosco, um dia depois. Por causa dela, o meu sogro sentou-se à frente, e nós as duas atrás – ela atrás de Trajcho, e eu ao lado dela. Assim conversávamos melhor. Decidimos não viajar pela autoestrada para Sófia, mas virar por Karlovo e Kalofer. Pelo caminho tomámos o pequeno-almoço e continuámos. Num momento, Trajcho disse-me:

– Fime, atira esses ramos pela janela, cheiram-me a morto, como se fôssemos a um funeral!

Por causa da prima que estava connosco, era-me desconfortável atirá-los, e um dos ramos era da mãe dela. Respondi-lhe:

– O que dizes? As flores cheiram bem, e não a morto!

À frente do sogro havia um pequeno vaso que se colava com íman. Eu pus nele duas ou três flores. Trajcho, ao ver que não planeava atirar os ramos, com a mão esquerda pegou nessas duas ou três flores e atirou-as pela janela.

A estrada por onde viajávamos era montanhosa, irregular e com muitas curvas. Trajcho praguejava e arrependia-se de não termos ido pela autoestrada principal. Felizmente, depressa descemos para o plano, para uma estrada reta e continuámos a maior velocidade.

Num instante, abriu-se o capô do carro, ergueu-se e com incrível velocidade voou contra o para-brisas. O vidro ficou coberto e não se via nada, enquanto do sentido contrário vinha um camião...

Tudo aconteceu como no meu sonho. Eu endireitei-me no banco de trás, vi o camião e gritei:

– Trajcho, cuidado, camião!

Forte colisão e estrondo de dois veículos a grande velocidade... Como se explodisse uma bomba. É tudo de que me lembro.

O acidente aconteceu por volta das 11 da manhã, a doze quilómetros de Karlovo.

Visão horrenda, tal como a minha visão no sonho, porque o que aconteceu não o sonhei, mas vi: Trajcho esmagado contra o volante jaz morto, o meu sogro ao lado dele sufoca em sangue, e eu inconsciente. A prima safou-se com um braço partido. Comecei a recuperar os sentidos quando me carregavam para a ambulância.

Atrás, Trajcho jazia morto, e eu olho para ele sem saber se é sonho ou realidade, e as minhas reações são nulas. Pergunto ao motorista se Trajcho está morto, e ele responde-me: «Os médicos dirão!» Admiro-me do que fazemos nós na Bulgária?! Mais tarde soube que o sogro e a prima tinham sido levados antes para o hospital. Ele estava em coma e morreu no sábado, às 17 horas.

A memória regressou-me na tarde de sexta-feira. Deus, que destino cruel e tão longe de casa, onde não há com quem partilhar a aflição e a tristeza. Chorava sem voz e rezava: «Senhor, ajuda-me!»

Era sexta-feira, a mais negra da minha vida. 29 de agosto, o dia da tragédia; 19 de agosto, o dia do nosso casamento; 9 de agosto, o dia do nosso noivado. Tudo aconteceu em agosto – a nossa união e a nossa separação.

Acaso ou predestinado, só Deus sabe. Esperava que até à noite, ou até amanhã de manhã, chegassem os nossos entes queridos de Strumica, mas quando no sábado ao meio-dia não havia notícia alguma, soube que ainda não tinham sido informados. Tive de tomar medidas, telefonar e transmitir a notícia fatal. Do telefone do hospital, através de Sófia e Belgrado, ligaram-me a Strumica. Quando ouviram a minha voz e a notícia que lhes dei, ficaram em choque. Aqui ninguém sabia de nada.

A polícia informou-os duas horas depois de mim.

Nessa tarde morreu também o sogro e às vinte horas preparavam-nos para nos transferir para Plovdiv, para medicina legal. Felizmente, no mesmo momento chegaram cinco carros com os nossos entes queridos de Strumica e eu pude relaxar um pouco.

Após todas as formalidades que se seguiram em Plovdiv e Sófia, chegámos a casa no domingo às 18 horas. O funeral realizou-se na

segunda-feira, a primeiro de setembro, quando o nosso filho deveria começar o primeiro ano.

Em vez de alegria, na nossa casa entrou a maior tristeza que pode acontecer a uma pessoa. Trajcho morreu aos 34 anos, e eu tinha 27. Estivemos juntos oito anos, dos quais quatro, devido aos estudos dele em Liubliana, estivemos separados. E agora esta separação da qual não há regresso...

Fiquei numa encruzilhada com duas crianças pequenas... Só Deus sabia por que caminho seguiria dali em diante. As crianças, sentindo a minha tristeza, agarravam-se ainda mais a mim. Embora fossem pequenas para compreender a crueldade do destino, como se sentissem que a vida brincara connosco e dali em diante não seria como antes. E eu tinha de ser mãe e pai... criá-las e educá-las em personalidades capazes de lidar com os problemas que a vida impõe.

A minha mãe, que vivia ao meu lado, assumiu a responsabilidade de cuidar das crianças enquanto eu trabalhava. De vez em quando dizia: «O facto de estares ao meu lado é a minha sorte. Sou doente e o que faria se estivesses longe?» Agora dizia: «Isso acabou por ser o teu fardo!»

Embora tenha ficado sozinha, não permiti cair no desespero, nem queria que me tivessem pena. Estava pronta para enfrentar a vida, sem ceder. No verão seguinte, fui com as crianças como enfermeira para o resort «Suvi Laki», e no outro verão estivemos em Dojran, na villa do Banco Económico. Fazia tudo para que as crianças sentissem o menos possível a ausência do pai. Queria que tivessem uma vida normal, como os seus amiguinhos.

Numa manhã de domingo, os nossos vizinhos da frente acabaram de comprar um carro e preparavam-se para ir a Dojran. As minhas crianças olhavam da janela e, quando partiram, disseram-me: «Mãe, se o pai estivesse vivo, também nós teríamos um carro!»

Compreendi a mensagem e perguntei-lhes:

– Quereis que a mãe compre um carro?

Elas abraçaram-me e perguntaram:

– Sabes conduzir?

Assim decidi comprar um «Fico», para não depender de ninguém, para tirar as crianças do quintal, levá-las ao fim de semana e de férias.

Quando o «Fico» chegou à frente da nossa casa, o meu pai esteve dois meses zangado comigo e não me falava. Irritado, atirava: «O que dirão as

pessoas? O marido morreu por causa de um carro, e ela agora agarra-se novamente a um carro!» As aflições tornam a pessoa mais forte. Assim, também eu não ligava a esses comentários. Ao mesmo tempo, os nossos amigos compraram carros, e todos os verões passávamos férias à beira-mar na Grécia.

Sonhei com Trajcho durante seis meses, quase todas as noites. Conversava com ele, consciente de que estava morto. Depois os sonhos espaçaram-se, e aumentaram os meus encontros com a tia Vanga. As respostas para o desconhecido e o invisível esperava-as dela. Procurava consolo.

No primeiro encontro com a tia Vanga, após a morte de Trajcho e do meu sogro, ela já sabia tudo o que acontecera e como acontecera. Como se tivesse visto o acidente numa fita de vídeo.

– Todos os dias conto aos meus vizinhos sobre ti, o que sobreviveste, quão corajosa és, como te aguentas agora – encorajava-me aquela mulher maravilhosa.

– Tia Vanga, digo-lhe eu, Trajcho partiu para sempre!

– Ora, não peques à alma! Para ele era até aqui (ergueu o dedo para cima). Se estivesse em casa, beberia água e engasgava-se! – consolava-me ela.

Em cada visita a Petrich, contava-lhe os meus sonhos, e ela escutava-me atentamente. Por vezes, quando não tinha trabalho, as nossas conversas duravam duas horas. Conversando assim, um dia a tia Vanga disse-me:

– Ouve, Fimka! O que me contas não são sonhos, são visões. Eu vejo com os meus olhos espirituais, e tu vês em sonho, isso acontece em algumas pessoas.

As conversas com ela tornaram-se uma necessidade. Acalmavam-me e fortaleciam a minha fé em Deus. Muitas vezes dizia: «Se não tiverdes fé em Deus, não venhais ter comigo, pois é Deus que vos ajuda, não eu!»

Todos os que entravam junto dela saíam confusos, porque lhes falava dos seus entes queridos falecidos. Ela comunicava com as almas dos mortos, transmitia mensagens e alguns dos seus desejos.

– Estão aqui, connosco, sentam-se ao nosso lado! Movem-se, riem, choram, comunicam telepaticamente comigo – dizia ela. Não têm corpo material. Eu vejo-os como vós vedes a vossa silhueta na água, num poço – explicava as suas visões a tia Vanga.

Eu encontrava consolo nesses relatos dela. Comecei a acreditar que com a morte a pessoa perde o corpo material, mas não a alma. Esta permanece eterna e continua o caminho para o desconhecido e misterioso, para nós. A forte consciência de que sobrevivi, de que Deus me salvou de uma morte certa e me deu uma segunda oportunidade, reforçou ainda mais a minha fé em Deus e na Sua infinita perfeição. Procurava o sentido da vida, da nossa existência. Procurava a minha paz.

Muitas vezes ia à igreja monástica «Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis», que fica muito perto da minha casa. Por vezes ficava lá a dormir. Assim me habituei e durante todo o ano passava as noites de quinta para sexta e de sábado para domingo lá. Levava uma criança comigo, e deixava a outra com a minha mãe.

No início dos anos setenta, o grande quintal do mosteiro estava vazio. Além da pequena igreja antiga, no canto direito do quintal, havia uma casinha térrea com duas divisões e varanda. Logo à entrada do portão, do lado direito, erguia-se alto o ulmeiro centenário que resistira e resiste a todas as intempéries. Entre o portão e o ulmeiro havia uma pequena divisão com varanda coberta onde se vendiam velas. Nessa divisão, com duas camas de ferro e um fogão a

lenha, vivia a tia Grozda, a mulher que durante longos anos mantinha aquele lugar sagrado. Nessa divisão, na cama junto à pequena janela, passei muitas noites também eu. De vez em quando vinham outras pessoas dormir lá para saúde. Nas horas tardias da noite, como se ouvisse um galopar surdo de cavalos. Aconteceu várias vezes. Pela cabeça passava-me a ideia de que eram os cavalos dos Santos Quinze Mártires que foram barbaramente executados pela sua inabalável fé no cristianismo e no nosso Deus.

Os fiéis do mosteiro tinham oferecido muitas ícones. No meio da parede onde estavam pendurados, estava o grande ícone com a imagem do Senhor Jesus Cristo, e visto de lado, via-se a Santa Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços. O ícone era oferta da nossa conterrânea de Strumica, Cveta Tuparova, que vive na América. O milagre que me aconteceu está relacionado exatamente com este ícone.

Com a tia Grozda conversávamos até tarde da noite, mas o sono vencia...

Num sono profundo, sinto uma mão humana agarrar o meu braço direito superior e sacudir-me. Pensei que era a tia Grozda a acordar-me. Olho – luz agradável aos olhos. Brilhante, mas suave. Visão majestosa!

A luz saía dos quatro lados do ícone que era Jesus Cristo. Na divisão – tal luz que se via um cabelo. Com espanto, levantei a mão à cabeça e olhei em silêncio para a luz. Não consigo determinar quanto tempo durou esta luz mágica. Talvez alguns segundos, e depois a divisão ficou novamente no escuro.

Não me assustei. Persignei-me e agradeci a Deus pelo que vi. Até então, se houvesse uma pequena descrença no poder de Deus, nessa noite desapareceu. E hoje, após tantos anos, acredito fortemente no poder de Deus que toda a vida, como uma criança, me segura pela mão e me dá força para não ceder às tentações.

Esperava com ansiedade o próximo encontro com a tia Vanga, para lhe contar esta experiência incrível. Não sabia como descrevê-la de forma mais vívida. Esforcei-me, e ela apenas sorria. Não me respondeu nada. Achava que eu era muito jovem para compreender as coisas espirituais. Mas sabia que eu o vivera. Pois a tia Vanga era vidente e tinha o dom de ver o destino de cada pessoa. Ninguém a podia enganar. Ela sabia o que pensavas. «Tudo passa diante dos meus olhos como numa fita de filme – o que foi, o que é agora e o que será... Tudo acontece agora. Não há passado nem futuro! O que vejo, seja bom ou mau, o que quer que diga, não mudará. A pessoa nasce com o seu destino, bom ou mau. É preciso suportar. DEUS quer paciência», dizia a tia Vanga.

À frente da casa dela em Petrich, e depois em Rupite, esperava sempre muita gente. As pessoas inscreviam-se, esperavam meses pela vez, só para entrar junto dela. Trabalhava muito, e isso cansava-a. Dizia constantemente: «Porque me deu DEUS esse dom? É um castigo para mim. O dia inteiro ouço as aflições das pessoas; quando à noite vós dormis, eu vejo as aflições de todo o povo. Não suporto esse fardo. Cada um vem, conta a sua aflição e parte... Ninguém me pergunta se eu tenho aflição, se preciso de

algo... Pois também eu sou humana!? Só vos apressais, apressais...» – falava muitas vezes com tristeza na voz. Dizia a verdade! As pessoas vinham e iam. Assim, todos os dias. Eu por vezes ia vê-la, por vezes levava um torrão de açúcar para ela ver o problema de algum ente querido.

Quando ia sozinha, as nossas conversas eram mais longas, mas quando levava alguém comigo, apressava-me a dar-lhe o torrão de açúcar. Era preciso passar a fronteira, e ela retinha-me:

– Senta-te, ó rapariga, é cedo, tens tempo! Na fronteira passarás bem.

Adorava as flores. O jardim dela estava cheio de flores multicoloridas e orgulhava-se delas.

– Trá-lo-me uma raiz da rosa vermelha perfumada do quintal da avó Bozha, quero tê-la no meu quintal! – dizia, encomendando-nos, pois sabia que realizaríamos o seu desejo!

Com uma pedantaria nunca vista arrumava a casa. Tudo estava no seu lugar e sabia onde estava cada coisa. Cozinhava para si mesma, na maioria das vezes pratos magros e muito saborosos que provei pessoalmente.

– Gostaste do guisado? Fazes assim? – perguntava obrigatoriamente.

Muitas vezes encontrava-a a tricotar. Com uma precisão nunca vista tricotava os pontos mais complicados, sem deixar cair um único ponto. Tricotava xailes, camisolas, sweaters... Gostava de fazer tudo com as próprias mãos. Acontecia dizer-lhe: «Tia Vanga, eu a ver confundiria esse ponto, e tu, sem olhos – nem um erro!»

A tais observações ria-se com uma satisfação interior.

A tia Vanga não tinha filhos próprios. Quando era mais jovem, adotara uma menina. Chama-se Venetka, tem a minha idade, e hoje encontramo-nos. Mais tarde, levou para junto de si o seu afilhado, o Mitko de onze anos. Ele viveu com ela, e ela possibilitou-lhe continuar os estudos em Petrich. Era de alguma aldeia da região de Petrich. Depois concluiu a Faculdade de Direito e, no fim da vida dela, era procurador público em Petrich.

Por vezes, comigo, ia a casa da tia Vanga em Petrich a conhecida artista do teatro de Strumica, Tinka Srbinova. Era do nosso bairro e da geração de Ljupka, a irmã da tia Vanga. Em várias ocasiões dormimos juntas em casa de Ljupka. Uma noite ela disse-nos:

– A tia Vanga tem um hóspede, um jornalista de Sófia, e disse-me que fôssemos todos juntos jantar em Sandanski.

Passámos uma bela noite no jardim de verão em Sandanski. A tia Vanga estava muito bem-disposta e conversadora.

Tinka era uma mulher bela, mas solitária. Tal era o seu destino. Isso previu-lhe a tia Vanga: «Tinka, vejo-te sozinha até ao fim da vida. Fizeram-te magia – como foge a lebre, assim fuja a sorte de ti!»

– E sobre mim não dizes nada! – digo-lhe eu em tom brincalhão.

A tia Vanga no mesmo tom:

– Ora, ó rapariga, tu casar-te-ás e do Túmulo Alemão e da Ponte Rakidjiski não te mexerás!

Uma noite, isso aconteceu por volta de 1972-1973, fiquei com ela bastante tarde e não me deixou viajar sozinha à noite.

– Ficarás a dormir aqui! – insistiu ela.

Fiquei feliz por estar perto dela. Então ganhei coragem e perguntei-lhe como descobrira que tinha o dom de prever o destino das pessoas. Ela como se esperasse a pergunta. Virou-se para mim e, completamente séria, disse:

– Já que és tão curiosa, conto-te, embora não fale muito sobre isso... Aconteceu antes do início da Segunda Guerra Mundial. Estava sentada na varanda da nossa casa, quando, de repente, vejo – pelo portão entra um cavaleiro num belo cavalo branco. Aproximou-se de mim e saudou-me com «Bom dia!». Eu respondi:

– Bom dia!

Ele perguntou-me:

– Conheces-me?

– Não te conheço! – respondi-lhe.

– Eu sou São João Crisóstomo – disse o cavaleiro.

Tirou um livro do cinto, arrancou uma folha, dobrou-a várias vezes, inclinou-se do cavalo e pô-la-me debaixo do braço.

– Em breve haverá uma guerra feroz. O ferro derreter-se-á! Tu falarás dos vivos e dos mortos. Não tenhas medo, estarei ao teu lado! Virou o cavalo. Olhei-o até ao portão, depois desapareceu... Fiquei com os meus olhos na escuridão...! Pois agora sabes. É a verdade sobre o meu dom. Obra de Deus! Desde então as coisas começaram a dizer-me claramente. Primeiro em sonho, uma voz severa dava-me ordens, e depois via-as claramente...

Nessa noite mal dormi. De manhã, quando acordámos, ela disse-me:

– Meu Deus, lá fora há cem pessoas! Dois deles esperam por mortos, mas nós primeiro iremos a Rupite. O motorista levar-nos-á.

Naquela época, em Rupite era um deserto: espinhos e ervas por todo o lado. A tia Vanga fizera uma pequena divisão onde vinha descansar. À frente da casinha – uma alta álamo, e debaixo dela, um banco de madeira.

Sentámo-nos no banco. Ela virou a cabeça para o meu lado esquerdo e começou:

– Eh, Trajcho, Trajcho...! Tu não deixas a Fimka em paz – onde ela está, tu também!

– Tia Vanga, vês-lo? – pergunto-lhe.

– Vejo-o, a dois metros de ti, sentou-se!

E ela começou a conversa com Trajcho.

– Ele pergunta pelas crianças, pergunta por amigos pelo nome, por vizinhos e amigos. Orgulha-se de ti por teres uma mulher tão corajosa, e está muito zangado com as irmãs pela partilha da casa. Ele diz que te amava muito, mas apesar disso quer que voltes a casar. Rezar-lhe-á a Deus para que encontres um homem que te ame como ele te amava e só então o seu espírito te libertará.

Diz para prestares atenção aos travões do carro que conduzes, especialmente à roda dianteira esquerda. Trajcho diz que o alegra especialmente o facto de teres guardado o anel e o relógio dele como recordação para a criança. As duas camisas azul e verde que ainda tens no roupeiro, guarda-as como recordação. Fica-lhe muito grato pelas luvas de pele que ele tinha, e que tu deste ao teu tio Tome.

Assim terminou a conversa entre a tia Vanga e Trajcho, e eu durante dias não conseguia voltar a mim. No regresso a Petrich, despedimo-nos. Ela entrou para trabalhar, e eu de carro parti para casa.

Por natureza sou temperamental, enérgica e com autoconfiança. Não podia permitir-me, após o trabalho, fechar-me em casa e chorar sobre o meu destino. Como secundarista fui bastante ativa, por isso agora envolvi-me na vida social. Fui ativista na Cruz Vermelha, dava cursos de primeiros socorros na cidade e nas aldeias.

Tornei-me membro ativo da Organização das Mulheres no município de Strumica, onde permaneci durante vinte anos inteiros. Durante quatro anos fui delegada na Conferência Republicana das Mulheres; quatro anos delegada no Conselho Sociopolítico da Assembleia do município de Strumica e quatro anos na Comunidade Republicana para o Trabalho e Assuntos Sociais.

No Centro Médico, em várias ocasiões, fui membro dos órgãos de autogestão. No final, pelo meu longo trabalho sociopolítico, recebi a Ordem do Trabalho com Coroa de Prata do Presidência da R.F.S. da Jugoslávia. Foi um reconhecimento pelo esforço que investi em todas as esferas da sociedade ao longo de muitos anos. Encontrava força para mim e para os meus filhos vivermos a vida de forma honesta, modesta e digna. Strumica é uma cidade pequena, todos nos conhecemos e por isso, do ponto de vista moral, esforçava-me por estar à altura por mim, pelas crianças,

pelos meus pais e pelos meus entes queridos. A vida ensinou-me que as pessoas leem até cartas fechadas.

O facto de me mover por diferentes lugares e contactar com mais pessoas criava um clima para fofocas mais fáceis.

Nas minhas visitas à tia Vanga, ela costumava dizer:

– O que são essas conversas sobre ti, ó rapariga?!

Eu ria-me e dizia:

– Diz-me tu!

E ela continuava:

– Ora, ora, não te preocupes! És jovem e falarão, mas tu cabeça erguida e pisa firme, do resto não te preocupes!

Para ela, a moral e a honra estavam em primeiro lugar e avaliava e dividia as pessoas segundo essas qualidades. Não havia hipótese de seres sua amiga próxima se não tivesses essas duas características.

Vivia uma vida decente. Tudo o que precisava arranjava sozinha, mas na alma estava solitária. Nunca conseguia ir a lugares onde iam casais. Isso faltava-me.

Nunca disse a mim mesma que não voltaria a casar se encontrasse uma pessoa com quem pudesse partilhar a vida. Criaria mais duas crianças, se fosse preciso. Com a minha energia e o meu coração amplo, com o apoio de Deus, estava preparada para tudo. Todas as noites rezava a Deus: «Deus, Tu conheces-me! Tu encontrar-me-ás um companheiro de vida!» Eu, entre tantos homens, não podia procurar um homem para mim. O meu lema principal era, e ainda é: Não procures felicidade na infelicidade alheia.

Nessa altura, a tia Vanga preparava-se para se mudar para trabalhar em Rupite. A pequena divisão que tinha para descanso não era suficiente. Adicionaram uma cozinha e mais uma divisão onde, no tempo livre, recebia os seus amigos, assim como uma divisão especial onde recebia as pessoas para «ver».

Naquele lugar maravilhoso ao sopé da montanha Kozhuh, ela recarregava-se de energia. As fontes termais onde as pessoas faziam banhos de lama ficavam perto dela. Junto à casa tinha uma pequena piscina coberta com água quente onde tomava banhos e relaxava.

No início, à noite levavam-na de volta a Petrich para dormir, mas mais tarde ficou permanentemente em Rupite. O seu amor pelas flores também aqui era notável. À frente da casa tinha um grande jardim com belas flores multicoloridas que todos os dias contornava.

Um dia disse-me:

– Sabes, Fimka, que as flores falam comigo? Elas têm a sua própria linguagem. Elas dizem-me: «Diz-lhes, diz-lhes, eu curo isto e aquilo!» Por isso nunca as cortes para pôr numa jarra. Guarda-as em vasos ou planta-as na terra! Quando vierem ter comigo, tragam-me flores em vaso, isso tem uma forte ligação energética com as almas dos vossos falecidos e através delas eles entram em contacto comigo.

A mudança da tia Vanga para Rupite não foi por acaso. Era a vontade de Deus. Santa Petka pedia-lhe que construísse uma igreja dedicada ao seu nome.

A tia Vanga, na sua visão, via a bela igreja branca, mas era preciso muito tempo e dinheiro para a construir. Por isso fizeram uma pequena capela exatamente no lugar onde um dia seria a igreja. As pessoas que vinham ter com a tia Vanga, primeiro acendiam velas e rezavam pela saúde, deixavam dinheiro como contributo para a construção da igreja, e depois iam ter com ela.

Não me lembro em que ano foi, mas desde então começou a celebrar-se e a assinalar o dia da futura igreja. Pelo nosso calendário é 10 de novembro, Santa Mártir Paraskeva, mas eles estão à nossa frente, 15 de outubro.

No primeiro ano em que se celebrou, fomos com Koce. O tempo já estava frio e chuvoso. O espaço de Rupite estava cheio de gente e carros. Das aldeias próximas e mais distantes chegaram colunas de carroças puxadas por cavalos. As pessoas traziam consigo pães rituais, banitsas, pães, bolos, vários assados, de modo que as mesas postas estavam cheias de comida. À noite vieram também músicos. Dançou-se e cantou-se até à meia-noite. A tia Vanga várias vezes juntou-se à roda, e nessa noite foi também madrinha de dois pares de noivos que aqui se casaram com um sacerdote.

Os hóspedes que chegavam esperavam na fila para a saudar e beijar-lhe a mão, desejar-lhe boa saúde e longa vida.

Sei que regressámos a casa por volta da meia-noite.

Desde então, a celebração do Dia da Igreja festeja-se até aos dias de hoje.

Muitas das minhas amigas, ao ouvirem-me contar as minhas visitas à tia Vanga, tinham também um grande desejo de a ver, conhecer e conversar com ela. Entrar junto dela era muito difícil, mas eu entrava como se

estivesse em casa e com ela era muito à vontade. Por isso, de vez em quando, no Fico levava algumas amigas e à tarde, quando terminava o tempo de descanso, sentávamo-nos com ela a conversar. Até ela dizer: «Ora, agora ide-vos embora!», ouvíamo-la com prazer.

Numa ocasião semelhante, bem-disposta, brincava connosco:

– Qual de vós me diz como se põe um ovo numa sopa?

Olhámo-nos e calámo-nos. Eu, à vontade com ela, começo:

– E isso é filosofia! Bate-se o ovo, adiciona-se vinagre ou limão e vai-se deitando gradualmente na sopa!

– Mas a sopa tem de estar a ferver, e o ovo coalha. Se estiver fria, também não serve, o que se deve fazer?

Pois agora apanhou-me e digo:

– Não sei no que estás a pensar!

– Vês que ainda não sabes tudo? Aprenderás! Põe-se um pouco de água fria no ovo e deita-se livremente na sopa sem coalhar!

Assim era ela, com ela falava-se também de coisas comuns. E assim regressámos a casa com mais uma experiência. Numa das minhas visitas a Rupite, o guarda disse-me:

– Senta-te na divisão e espera, Vanga está a tomar banho na piscina.

Eu, em vez de ir para a divisão, entrei na sala com a piscina. Logo ao entrar, dirigiu-se a mim:

– Ó rapariga, até aqui me encontraste!

Sentei-me numa cadeirinha, enquanto ela estava na água. Passado algum tempo, pediu-me que lhe passasse o roupão. Saiu da piscina, e eu olho para ela... Uma mulher daquela idade, e corpo como o de uma rapariga!

– Ó tia Vanga, és como uma platitsa![1]

– Eh, eu sou santa!

[1] Espécie de peixe

Essas palavras confundiram-me completamente. Não consegui fazer-lhe uma pergunta adicional. Não compreendi o peso dessas palavras. Precisava de uma explicação mais ampla, mas isso ficou no ar. Precisei de muitos anos após a sua morte para compreender as suas palavras. Agora penso: se lhe tivesse pedido uma explicação mais ampla, teria obtido a resposta ou, como costumava fazer, teria mudado o rumo da conversa?

Nas nossas conversas, muitas vezes voltava aos Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis:

– Vós não sabeis quanto eles fazem pelas pessoas e pela cidade de Strumica. Durante a guerra protegeram a cidade de maiores catástrofes. Por isso, ide ao mosteiro, acendei velas...! O dia dos Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis deve ser o Dia da cidade de Strumica, o seu padroeiro!

Aconteceu também isso. Este desejo dela realizou-se e 11 de dezembro é feriado – padroeiro de todos os habitantes de Strumica.

Strumica é o local de nascimento de baba Vanga. Para onde quer que a vida a levasse, o seu coração permanecia na cidade ao sopé das Torres do Czar. Ela estava ligada à alma a Strumica, porque aqui estão os seus parentes próximos, e aqui está o túmulo do seu irmão Vasil. Por isso, nos pensamentos estava constantemente com Strumica e os strumicanos. Por vezes expressava o desejo de lhe levar alguma comida – algum bolo, kebab de Strumica ou outra coisa. Uma vez encomendou-me:

– Fazes doces bons, trá-lo-me um frasco de cada: cerejas brancas, morangos e figos verdes!

Quando fui da próxima vez, levei-lhe vários tipos de doce.

– Se os deixares aqui, amanhã não os encontrarás!

– digo-lhe eu.

– E tu pensas assim? Eu levá-los-ei para Petrich! (Naquela altura, para dormir, ia para casa.)

Na divisão onde passava o tempo livre com as suas amigas e hóspedes de mais longe, queria que lhe fizessem uma lareira. Muitas vezes explicava-me onde ficaria a lareira, que azulejos poriam no chão... Simplesmente, vivia para esses dias. Ela vivia uma vida simples e modesta. Alegrava-se com coisas que para os outros não significavam nada.

Com algumas amigas, que eram também próximas dela, combinámos que, quando fossem os Trimeri de Strumica, lhe prepararíamos uma sinija trimeriana e surpreendê-la. Chegámos a Rupite no dia dos Trimeri. Na mesa à frente dela arrumámos tudo o que se prepara para essa ocasião: sarmas magras com nozes; zerde (arroz doce cozido sem leite); compota de fruta seca; feijão branco magro; pão ritual redondo; halva branca; boza e fruta.

Estava muito feliz e bem-disposta. Todo o tempo brincava, e a conversa prolongou-se até tarde da noite.

Os azulejos e a lareira estavam prontos e ela muito se alegrava com eles. Num momento perguntou-nos:

– Gostais, ficou bonito?

As mulheres começaram com os seus cumprimentos, esforçando-se por lhe dizer que estavam encantadas com o feito. Eu estava sentada no sofá ao lado dela e não partilhava a opinião das outras. Para mim, a execução era muito pouco profissional.

– Ouve, tia Vanga, não sei o que pensam as outras, mas os mestres que fizeram isto não percebem nada. Todo o trabalho está aqui. Que te devolvam o dinheiro!

Todas me olharam espantadas, pois achavam que estava a desiludir a mulher, mas esqueceram-se de que aquela mulher via também o que os nossos olhos não podem ver.

Com a mão deu-me uma palmadinha no ombro e disse-me:

– Basta, ó rapariga! Pensas que eu não sei isso?

Ela sabia quão aberta e sincera eu era e por isso gostava tanto de mim. Essas qualidades nas pessoas valorizava muito. Ninguém a podia enganar, pois ela era Vanga – a mundialmente famosa clarividente e profetisa.

Uma vez, quando conversávamos, disse-me:

– A ti foi-te dado por Deus curar!

Compreendi isso como algo relacionado com a minha profissão e não lhe fiz uma pergunta adicional. Agora penso: porque não aproveitei a sua proximidade para muitas perguntas que tenho na cabeça? Quantas coisas me teriam sido esclarecidas muito mais cedo. Mas, certamente, na altura não era o momento para isso.

Passaram mais anos desde essa conversa e eu descobri por acaso que possuo uma bioenergia mais pronunciada. Onde quer que ponha a mão num lugar doloroso, a dor passa para mim. Uso esse dom para ajudar os meus entes queridos contra dores de cabeça, sinusites dolorosas, dores nas articulações e outros problemas de saúde.

A tia Vanga tinha um grande desejo de visitar a sua cidade natal, Strumica, mas, por razões desconhecidas para mim, na altura tinham-lhe retirado o passaporte e não a deixavam viajar. Um

dia ouvi uma notícia que me alegrou muito. Telefonou-me Branko Magleshev, que nessa altura ia ter com ela. Eram próximos. Disse-me:

– A tia Vanga vai vir a Strumica!

Não me lembro exatamente do ano, 1972 ou 1973, e se foi nos dias em que se realizavam os encontros transfronteiriços. Antigamente realizavam-se em espaço neutro, e mais tarde alternadamente em Strumica e em Petrich.

Veio a tia Vanga com a comitiva. Esperámo-la com Branko e fomos à igreja «São Cirilo e Metódio», onde foi madrinha de um casamento. Não me lembro quem eram os noivos. Da igreja fomos ao cemitério visitar o túmulo do irmão dela, Vasil Surchev. O almoço foi em casa de Branko. Mareto, a mulher dele, como dona de casa diligente, recebeu os hóspedes como devia ser. À tarde, com Branko, acompanhámo-la até Novo Selo. Lá tem primos direitos e foi visitá-los. O encontro terminou ali. Despedimo-nos e ela partiu para Petrich. Foi a segunda vinda dela a Strumica e a última desde a sua partida em 1942.

A tia Vanga era próxima da família Magleshev. Branko tinha um grande desejo de ir para a América. Lembro-me de quando, diante de mim, lhe disse: «Vai, mas para ti a América está aqui!» Não a ouviram. Partiram, mas ao fim de um ano regressaram e ficaram aqui.

Por volta da mesma época, a tia Vanga preparava-se para o casamento do seu filho adotivo Mitko. Todos os seus entes queridos de Strumica recebemos convites. Queria que todos estivéssemos presentes nesse dia, para ela, muito alegre. De Strumica

foram convidados uma dezena de pessoas, talvez mais. Eu fui no sábado à tarde. Para tais ocasiões, nunca ia a lado nenhum sem o meu daire. À noite a casa encheu-se de mulheres, mas nenhuma delas sabia que algazarra ia haver. Em Strumica, para essas ocasiões, cantam-se canções especiais, brincalhonas e eróticas.

Eu com o daire, subida numa cadeira, animada, a cantar, criei tal atmosfera que os amigos e vizinhos da tia Vanga me mencionavam durante muito tempo. Aquela noite de sábado ficou inesquecível. Ainda hoje, quando nos encontramos com Venetka, a filha dela, recordamos esses momentos. Não tenho palavras para descrever a felicidade e a alegria da tia Vanga. Se tivesse asas, voaria. Todo o tempo saltava e agitava os braços. Para ela, esses foram um dos raros momentos que lhe aconteciam na vida, mas nessa noite nós, os seus entes queridos da terra natal, fizemos com que esses momentos ficassem inesquecíveis. No dia seguinte, domingo de manhã, devíamos ir à aldeia de Mitko, onde estava também a noiva. Ainda de casa me disse:

– Deixa o teu carro aqui e senta-te ao meu lado, no meu carro!

Todo o tempo do casamento estive ao lado dela. Dançámos e cantámos. A festa transferiu-se para Petrich, para o hotel «Bulgária» e

durou até tarde da tarde. Ao entardecer, todos os convidados de Strumica partimos, e ela, felicíssima, despediu-nos com as palavras:

– Voltai a vir!

Aquela mulher maravilhosa, durante anos, fez muito por nós, mas nós tínhamos rara oportunidade de, pelo menos,

um pouco, retribuir-lhe, fazer com que sentisse a nossa cordialidade e gratidão para com ela.

A minha vida seguia num ritmo normal, preenchida da forma como eu sabia e podia. Quando chegavam feriados nacionais e outros, não me era cómodo ir a lugares onde iam casais. Aí, sim, sentia o vazio na minha alma. Por isso trocava os turnos com as colegas – pelo menos elas passavam bem. Nessa altura trabalhava no Dispensário Infantil e gería o consultório para mães e crianças.

A minha mãe parecia satisfeita com o simples facto de eu ter ficado viva e saudável, e muitas vezes me dizia:

– Tens duas crianças, trabalho, casa, compraste um carro, vais com as crianças a passeios, ao mar, para que queres um marido? Os homens de hoje não ficam em casa, têm vários «ofícios», e se ele também tiver filhos, trarás uma grande confusão para cima de ti!

Quando partia de férias, a minha mãe repetia sempre:

– Até regressarem, não tenho juízo na cabeça. O que tudo não acontece nessas estradas, e ainda essas grandes águas, e tu sozinha com crianças pequenas...!

Mas eu não tinha medo nem da estrada nem das grandes águas. Ia com os amigos de Trajcho e as suas famílias. As crianças estavam sob controlo do tio Vase. Ele dava ordens sobre quando se banhavam, quando deviam sair da água. Eu e Vera, a mulher dele, que é também minha colega e ainda hoje grande amiga, cozinhávamos e comíamos juntas. Quando estávamos de férias, éramos uma família. Isso durou 4-5 anos. Todos acampávamos, tínhamos equipamento de campismo e as férias duravam 18 a 20 dias. Como aluna fora escuteira, feriante e montava muito facilmente a tenda. Nunca precisei de ajuda. Ao partir para casa, desmontava a tenda, dobrava-a, carregava todo o equipamento no carro e era sempre a primeira pronta para partir. Fazia o possível por não ser um peso para os outros. Queria ser e era independente!

No ano em que ocorreu o golpe militar na Grécia, estávamos lá de férias há quase 12-13 dias. Um ou dois dias após o golpe sentiu-se a

atmosfera militar: as estradas cheias de camiões e tanques militares; nas bombas de gasolina acabou a gasolina; nas lojas desapareceram os artigos básicos, até o pão era difícil de encontrar...

Combinávamos se devíamos esperar que a situação acalmasse ou partir. A última noite passámo-la com medo. As crianças agarravam-se a mim o tempo todo. Na tarde seguinte, decidi arrumar as coisas e partir. Saímos às 21 horas. Pelo caminho não podíamos avançar por causa dos carros, e do sentido contrário – camiões e tanques em direção a Larissa. Era um caos terrível! A minha filha Suzana era mais pequena e adormeceu no banco de trás. Mitko, dois anos mais velho, com 11-12 anos, falava-me constantemente, abraçava-me... Tinha medo de que, se adormecesse também ele, me acontecesse algo. Essa preocupação e amor dele encorajavam-me! De repente, num momento, disse-me: «Casa-te, mãe! Só tu estás sozinha, atormentas-te connosco!» Mitko, o meu filho ainda pequeno, nessa noite amadureceu: compreendeu o peso e a essência da minha vida. E da vida em geral! Tinha orgulho nele!

Era o início da primavera, março de 1975. Estávamos as duas com a tia Vanga a conversar. O tema era: até quando vaguearei sozinha pela vida? De repente disse-me:

– O que é isso do Lago de Ohrid? Quem tens lá?

Olhei-a espantada. Em Ohrid não tinha propriamente ninguém.

– Tens, tens – continuou a tia Vanga –, ele ainda hoje te ama muito, lembrar-te-ás!

«Eh, digo para mim, de onde tirou ela isso agora? Acertou em cheio!»

A tia Vanga vê que não me lembro e acrescenta:

– Isso não é assim tão importante...!

No dia seguinte lembrei-me de que o rapaz com quem namorei dois anos em Skopje e que me amava imensamente vive em Struga. Era engenheiro civil. Esquecera-me de que Struga fica no Lago de Ohrid. Portanto, ela sabia sempre do que falava!

– Ouve, dá-me a aliança de casamento!

Pegou na aliança e disse-me:

– Até ao Ano Novo casar-te-ás com um homem separado pela morte, com duas crianças!

A conversa terminou. Só isso! Mais nada me disse.

Já trabalhava há dois anos como enfermeira-chefe no Instituto de Reabilitação de Crianças e Jovens na aldeia de Bansko. Todos os dias ia de

«Fico» para o trabalho, a 12 km de distância. Durante um ano não tivemos diretor, e no segundo veio para essa função de direção o antigo diretor do Centro de Assuntos Sociais em Strumica, pedagogo de profissão. Eu era a sua primeira colaboradora e cuidava diretamente da saúde,

alimentação e higiene das crianças e da instituição em geral. Na instituição trabalhavam também professores, o que significa que aqui se realizava também atividade educativo-formativa.

Esforcei-me muito para que as condições de vida das crianças fossem satisfatórias, porque aqui estavam em cuidados permanentes. O novo diretor era por natureza uma pessoa calma, mas eu era mais rigorosa com os funcionários.

O verão passou, as férias terminaram. Chegou também setembro. A 21 de setembro é o feriado da Pequena Virgem. A 12 km de Strumica fica a aldeia de Veljusa, conhecida pelo mosteiro «Santa Virgem Misericordiosa» (Eleusa), conhecido entre o povo como Pequena Virgem (Mala Bogorojca). Neste mosteiro do século XI sempre viveram freiras. Um grande número de fiéis de Strumica e das aldeias vizinhas visita esse lugar sagrado nesse dia.

O meu diretor e a mulher dele nasceram em Veljusa, mas viviam na aldeia de Vasilevo, onde a mulher era professora. Tinham dois filhos rapazes, de 12 e 3 anos.

Certamente não deixei de visitar o mosteiro nesse dia, mas na manhã seguinte, quando cheguei ao trabalho em Bansko, logo à porta me receberam:

– Enfermeira, ouviste o que aconteceu? A mulher do diretor enforcou-se ontem à noite em Veljusa, na casa do pai dela!

Fiquei chocada! Uma mulher jovem... Como pôde fazer isso a si mesma, como pôde deixar as crianças sem mãe, e o pequeno ainda nem sabe nada. Tinha pena dele, encontrou o meu destino!

Sou mãe. Afinal, como diz o povo: Sem pai, meio órfão; sem mãe, órfão inteiro.

«Eh!, digo para mim, o fardo dele é maior que o meu. Vive em Vasilevo, e não tem ninguém próximo para o ajudar.» Pelo que sabia, nenhum dos dois tinha pais.

Acompanhámos a mulher até à sua morada eterna. Enterraram-na em Veljusa.

Ao fim de dez dias veio trabalhar completamente destroçado. Não sabia o que fazer com as crianças, quem cuidaria do pequeno que nem três

anos completos tinha. Acabáramos de fazer ajvar. Tive pena das crianças dele, e levei-lhe 1-2 frascos. Realmente tinha pena dele, como se eu própria voltasse a passar por aqueles dias negros. Mas, como diz o povo, onde cai o fogo, aí arde. Cada um sabe como lhe dói.

Em breve chegou o feriado de 11 de outubro. Ligaram-se três dias – sexta, sábado e domingo. O domingo desde manhã anunciava um dia belo e solarengo. Perguntei à minha mãe se queria que hoje a levasse a visitar a tia Vanga. Assim não se viam há treze anos. Hesitou um pouco, não era muito de passeios por causa das dores nas costas e na cabeça, mas concordou. Por volta do meio-dia partimos e às 11 horas estávamos com ela em Rupite. Estava só com uma hóspede, médica de Sófia. Surpreendemo-la muito. Alegrou-se especialmente com a presença da minha mãe.

Desenrolou-se uma conversa longa e ampla. Recordaram os tempos da juventude delas e chegaram à minha vida. Num momento, a tia Vanga disse:

– Tem de casar, é jovem! Porque há de o povo casá-la todos os dias?

A minha mãe, do outro lado, via assim:

– Para que quer um marido? Tem trabalho, crianças, casa, carro... Hoje não há homens estáveis – bêbados, jogadores, mulherengos... E ainda misturar crianças alheias, onde será o fim dela! Eu estou ao lado dela, somos quintal com quintal, não posso ver todo o tipo de cenas. As crianças que fiquem na casa do pai, não quero que as leve para lugar alheio. Vai pôr cadeado na porta?

Sobre o mesmo falava eu sempre. Se encontrar alguém que venha para minha casa – bom, mas eu não levo as crianças para casas alheias.

A tia Vanga ouviu-a e disse:

– Ó Kristina, ela é burro para a amarrares à árvore? Põe-lhe palha e fica satisfeita! Não vês que ela é uma mulher jovem, a vida tem de ser vivida de outra forma que a do burro.

Nesse momento, a tia Vanga virou-se para mim:

– Fimka, dá-me a aliança de casamento!

Pegou na aliança na mão, ergueu-a alto acima da cabeça e através dela como se olhasse para um mundo invisível:

– Não te disse eu na primavera que até ao Ano Novo te casarás!

– Ora, tia Vanga, digo-lhe, o Ano Novo está à porta! Há tantos anos que não tenho ninguém na minha vida, de onde agora de repente, com quem?

– Com esse ao teu lado, a quem morreu a mulher, que se enforcou numa viga seca.

– Mas estás a falar do meu diretor?

– Sim, ele! Não se chama Kosta, Kostadin, ele é filósofo?

– Ele é pedagogo – digo-lhe eu, e ela:

– Eh... bom, é a mesma coisa! A mulher dele tem nome de flor l-j-u-b-i-ch-i-ts-a, Ljubica. Morreu há pouco, não tem quarenta dias. A alma ainda não

subiu ao céu. Mulher bela, jovem com muitos anéis nas mãos, mas não devia ter tirado a alma a si própria. Deus dá a alma, Deus tira a alma. Mas o diabo pôs-se-lhe ao ombro. Têm dois filhos rapazes de olhos azuis, um ainda pequenino. Dentro de alguns dias ele te dirá, e depois quero que venham aqui ter comigo.

A minha mãe ficou petrificada.

– Vanga, ó pá! O que fará com quatro crianças, e uma de três anos...! Eh, o que ainda terá de ver esta minha cabeça!

– Não te preocupes, Kristina! É jovem, é diligente, criá-los-á... Essas crianças precisam de uma mãe. Deus assim o disse!

A nossa visita terminou por volta das 21 horas. Jantámos juntas e partimos.

Amanhã – segunda-feira. Dia de trabalho. Após essa previsão da tia Vanga, não sei como o olharei. Pensava que tudo leria nos meus olhos.

Passados alguns dias, recebemos material para uma sessão em Skopje. Eu era membro da Comunidade Republicana para o Trabalho e Assuntos Sociais e pelo menos uma vez por mês ia a sessões. Desta vez, na ordem de trabalhos estava também o financiamento das instituições sociais, entre as quais o Instituto de Reabilitação de Crianças e Jovens em Bansko. Na sessão foram convidados também os diretores de todas as instituições sociais da Macedónia.

O diretor perguntou-me quando ia e com que transporte. Disse-lhe que iria à tarde com o meu «Fico» e levaria algumas coisas à minha tia.

Perguntou-me se ele podia ir comigo. Tinha um irmão em Skopje e queria conversar com ele nessa noite.

Não tinha medo de que eu o conduzisse. Já o levara antes com o meu «Fico» para Skopje.

Na manhã seguinte, após o fim da reunião, combinámos encontrar-nos às cinco da tarde e regressar. Assim, enquanto conduzíamos e conversávamos pelo caminho, chegámos perto da aldeia de Vasilevo. De repente, dirigiu-se a mim com estas palavras:

– Se quiseres, para um pouco, quero dizer-te algo!

O que ia dizer, eu já sabia, mas o momento era agora. Quando o destino mete os dedos, não há fuga. A situação dele era difícil, especialmente com as crianças. O pequeno era cuidado por uma irmã da mãe dele, que estava doente, operada duas vezes a cancro.

A criança maior estava no sétimo ano em Vasilevo, só com o pai. Ele via em mim uma oportunidade para continuar a vida, para reunir as crianças, mas tinha medo de que eu aceitasse. Trabalhámos juntos um ano e conhecíamo-nos razoavelmente. Ele, por natureza calmo, sereno; eu – vivaça e mais faladora. Ele mudaria-se de Vasilevo para minha casa, e havia espaço suficiente para todos. Aquilo que repetia constantemente a mim mesma agora tinha de realizar-se.

Foi o momento em que decidi casar com ele e sabia que as preces de Trajcho a Deus tinham sido ouvidas e aceites.

Passados dois ou três dias, contei-lhe o encontro com a tia Vanga e a mensagem de que ambos a devíamos visitar. Duas semanas depois, fomos ter com ela. Ele teve pela primeira vez oportunidade de a ver e ouvir.

Agora começou com ele:

– Aqui está a mulher, pergunta por Emil (o pequeno) se usa o pulôver que a tia dele coseu (a irmã dela). Pergunta pela vizinha Lenche que vive em frente ao apartamento deles em Vasilevo, se os visita e cuida das crianças. Falou-lhe do primo dele, pelo nome, que estava muito doente, mas agora está bem, o que mais tarde se confirmou.

Conversámos bastante e, num momento, disse a Koce:

– Eh, rapaz! Tiveste uma mulher, mas agora verás o que é uma mulher! Ela cuidará dos teus filhos como uma verdadeira mãe.

Virou-se para mim, depois novamente para Koce e continuou:

– Quero propor-vos uma coisa, pois ambos fostes separados pelo diabo, que vos case na igreja, e eu seja a vossa madrinha!

O ato do casamento na igreja nunca aconteceu. A verdadeira razão não a sei ainda hoje, mas uma coisa sei: Koce era ateu e não mostrou interesse na proposta da tia Vanga. A situação dele exigia uma solução rápida. As crianças tinham de ser reunidas num só lugar. Embora não tivessem

passado nem três meses desde a morte da mãe, a 17 de dezembro, exatamente no dia do feriado de Varvara, registámo-nos. Mudaram-se para a minha casa. O pequeno acabara de fazer três anos. Na memória dele, a imagem da mãe ainda estava fresca, e eu insistia em contar-lhe que era a mãe dele. O pai dele intencionalmente dava-lhe algum objeto e dizia:

«Leva isto à tua mãe!»

A criança parava e olhava para mim...

– Para ela? Para essa?

Passaram dois ou três meses. Habituou-se a mim e a caminha dele na quarto era do meu lado.

Um dia, Koce trouxe-o do jardim de infância. Entramos, abraçámo-nos, e ele disse-me:

– Mãe, não és tu a Gyupka negra?

– Pareço-te uma Gyupka?

– A tia[2] diz que és uma Gyupka branca!

[2] Tia

A tia dele por parte da mãe, que o cuidara por algum tempo e que morreu seis meses após Ljubica, ia ao jardim de infância e contava histórias ao menino sobre mim. Mais tarde proibimo-la de o ver.

Zoran, que estava no sétimo ano e estudava em Vasilevo, não queria ser transferido para a escola em Strumica e terminou o ano lá. Todas as noites, o pai dele ou eu íamos buscá-lo à escola. Ele era grande, conhecia bem a mãe e era-lhe difícil chamar-me «mãe!». Precisava de tempo!

«Aconselhava-o» a tia por parte do pai – a não me chamar «mãe», ainda era cedo, «...à tua mãe ainda se veem os olhos!». Dizia-lhe para se cuidar de mim, porque havia madrastas que envenenavam as crianças, e algumas até lhes punham sanguessugas nos ouvidos!

As crianças foram bem aceites, cuidadas e rapidamente se adaptaram ao novo ambiente. Passados alguns meses, ele dirigia-se a mim com «mãe» em cada palavra! Quero dizer que os mais próximos te atrapalham nos esforços que fazes para unir a família. Como exemplo, cito: passados dois anos, quando na nossa família já não existia criança minha ou tua, Zoran encontrou a tia por parte do pai e perguntou-lhe:

– Vê-nos, tia?

– Vê-nos sim, vê-nos muito!

– Eh, ela é esperta, vê para se meter debaixo da pele do teu pai, e depois verás o que vos fará!

Não tenho comentário para tais pensamentos dela.

Passados três anos, falei-lhe e até ao fim da vida dela eu era a mais diligente e a mais inteligente...

As minhas crianças estavam psicologicamente preparadas para que um dia, talvez, a mãe delas voltasse a casar. Mitko e Zoran têm três dias de diferença, o que significa que com a mãe dele estivemos no parto ao mesmo tempo.

Os dias sucediam-se, as crianças cresciam. A minha filha, Suzana, estava no quinto ano. Muitas vezes parava diante do espelho e perguntava-me:

– Mãe, sou bonita?

Primavera da vida...!

As crianças habituaram-se umas às outras. Não havia meu – teu. Tudo o que tínhamos era nosso. Às minhas crianças nem uma moeda ou rebuçado dava às escondidas das outras. Não queria que adquirissem a sensação de serem privilegiadas perante mim. Todos tinham os mesmos direitos. Assim cresciam e entre eles não havia divisão nem inveja. Se hoje perguntardes a qualquer um dos dois de quem é filho? – responder-vos-ão:

– Da Fimka!

À medida que as crianças cresciam, a nossa casa e o quintal enchiam-se dos amiguinhos delas. Não se sentia diferença alguma de que na casa viviam crianças misturadas. A minha mãe não conseguia acreditar que harmonia havia na nossa família, mas muitas vezes dizia:

– Filha, vais-te matar de trabalho!

Sobre Koce dizia: «Morreria e não saberia que há pessoas boas.»

A vida continuou. Comprámos um atrelado «Brako» e todos os verões, com o velho grupo, acampávamos na Grécia. Deixámos o trabalho em Bansko. Eu regressei como enfermeira na cirurgia, e Koce empregou-se no Instituto de Educação, onde trabalhou até à reforma. Lembro-me de uma anedota com o agente alfandegário na fronteira. As quatro crianças estavam no passaporte de Koce. Todas – de olhos azuis! O agente olha para o passaporte, olha para as crianças.

– Ó camarada, sei de gémeos que nascem com três horas de diferença, mas três dias – nunca ouvi!

Koce vê que o homem está completamente confuso e diz-lhe:

– Amigo, olha os apelidos!

O homem corou, compreendeu a situação, pediu desculpa e desejou-nos boa viagem!

As crianças inscreveram-se no secundário. Zoran no Ginásio, Mitko na Escola Secundária Agrícola. Suzana, dois anos depois deles, no Ginásio, direção económica. E Emil concluiu a Escola Económica.

Os dois concluíram o secundário. Num dia, enviámo-los para o serviço militar. Após o regresso do exército, Zoran inscreveu-se na Faculdade Técnica, e Mitko na Faculdade de Agricultura, secção pecuária. Passado um ano, regressaram e não continuaram os estudos. Zoran desde criança era dotado para música, tocava guitarra e isso tornou-se a sua profissão. Mitko empregou-se como auxiliar na cirurgia, onde trabalha ainda hoje. Zoran trabalha como instrutor de condução e continua com a música. Suzana, após concluir,

casou, embora tivéssemos outros planos. O genro foi trabalhar para a Líbia, onde ficou três anos e meio. Com esse dinheiro construíram casa. Por vezes a história repete-se. Eu esperei que o pai dela concluísse a faculdade, ela esperou que o genro ganhasse dinheiro para a casa. Hoje têm dois filhos maravilhosos: Aleksandar, que concluiu o secundário de eletrónica e trabalha. Agora é rapaz para casar, já está nos trinta.

A neta Kristina tem 24 anos e está a terminar a Faculdade de Economia. Neste momento está na América e sinto muito a falta dela. Entretanto comprámos um apartamento e, enquanto construíam a casa, a família da filha viveu no apartamento. Quando se mudaram para a casa, Zoran e Mitko tinham 28 anos cada um. Mitko noivou, e Zoran mudou-se para viver no apartamento.

A Mitko nasceram duas crianças. A primeira, rapaz, Trajche, e a segunda, menina, Fimka. Ambas loiras, belas, de olhos azuis! Passados dez anos, esse casamento desfez-se. A nora foi para a Suíça, onde casou, teve um filho rapaz e divorciou-se novamente. As crianças ficaram aqui dois anos e meio, e depois foram para a Suíça. Hoje o meu neto Trajche é um rapaz maravilhoso de 22 anos e estuda na Escola Superior de Medicina em Berna.

Fimcheto, a minha homónima, desde pequena era uma boneca de criança. Agora é uma rapariga linda. Estuda na Escola Secundária de Culinária. Que esteja viva e saudável, talvez continue os estudos. Vêm todos os verões de visita, e muitas vezes vemos-nos pela internet. Mitko está em casa, connosco, ainda solteiro e não sei o que o destino trará.

Após os casamentos de Mitko e Suzana, ia ter com a tia Vanga levar-lhe rebuçados brancos e baklava. E

levava fotografias do casamento, e ela escolhia uma para recordação.

Emil, quando concluiu o secundário, inscreveu-se na Faculdade de Economia em Skopje. Passado um ano, também ele regressou e interrompeu os estudos. Quando Emil regressou da faculdade, Zoran tinha trinta anos, vivia sozinho no apartamento, mas não planeava casar. Um dia peguei em fotografias dos dois e fui ter com a tia Vanga. Perguntei-lhe se Emil concluiria a faculdade, e ela respondeu-me:

– Ele pode, mas não o vejo como estudante!

– O que me dizes de Zoran? Casará em breve? – pergunto.

– Eh, eh, eh, esperarás, ainda passarão muitos anos até casar!

Assim aconteceu. Emil não concluiu a faculdade, e Zoran casou passados seis anos. A nora Vangje, que por profissão é técnica farmacêutica, é bastante culta e educada e respeita-nos muito. Temos um neto, Kosta, que este ano está no oitavo ano e é aluno excelente. Emil ficou a viver connosco até há quatro anos. A casa de fim de semana que construímos em Bansko e usámos 25 anos vendemo-la e comprámos um apartamento para Emil, onde hoje vive.

O último desejo com o pai dele é vê-lo casado. Não foi fácil vender a casa de fim de semana. Koce opunha-se, mas por outro lado dizia muitas vezes: «Emil ficou com a questão habitacional por resolver.» As hipóteses de apartamento eram mínimas, exceto vendendo a casa de fim de semana. Dois anos discutimos: eu punha na porta uma placa «Vende-se», ele tirava-a. Dois anos rezei a Deus para que a casa de fim de semana se vendesse. E para mim

é um peso. Não consigo manter duas casas, dois quintais.

Uma noite sonhei que entrava em casa da tia Vanga. Estava sentada no chão com uma mulher. Sentei-me também.

– Tia Vanga, tenho uma grande aflição por causa de Emil!

– Porquê, não o vejo doente.

– Não está doente, é um pouco fechado e pouco comunicativo.

– Eh, eh, eh, ele assim enrola as coisas! – e mostrou com a mão.

– Quero vender a casa de fim de semana e comprar-lhe um apartamento, mas com Koce não conseguimos acordar.

– A villa? A villa vendereis e a Emil comprareis apartamento, comprareis!

– Tia Vanga, que ele casasse e esse problema se resolvesse!

– E casará, casará. E a rapariga é boa.

De manhã acordei e contei o sonho, e Koce e Emil ouviram e admiraram-se de como eu podia acreditar em sonhos. Mas o espírito da tia Vanga ainda hoje me ajuda. Cinco meses após o sonho, vendemos a casa de fim de semana e comprámos o apartamento. As pessoas que compraram a casa foram as únicas interessadas. Como se Deus as tivesse enviado. Assim, com a ajuda de Deus, resolvemos o problema de Emil.

Contei a história da minha família, mas eu continuei a visitar a tia Vanga e a resolver assuntos para os meus entes queridos e amigos.

Tinha uma prima direita que passou uma semana inteira sem aparecer em casa. Veio o meu tio, preocupado. Não queria denunciar à polícia, e pediu-me que fosse ter com a tia Vanga, para ouvirmos o que ela diria!

Entrei no carro e fui ter com ela em Rupite. Mal entrei, ainda da porta gritou-me:

– Em vão vieste pelo que vieste. Agora já está em casa!

Regressei e fui diretamente a casa do meu tio, e lá – a prima regressara! Tinha um namorado numa aldeia próxima e passara a semana inteira com ele. O que aconteceu entre eles não sei, mas ela voltou para casa.

Lembro-me da neta de uma colega minha, uma menina de 3-4 anos. Esteve dois meses internada na Clínica Pediátrica em Skopje com um diagnóstico grave. Ouvia-se que não se sabia se a criança sobreviveria. A avó dela, minha colega, pediu-me que fôssemos ter com a tia Vanga. Chegámos à tarde, quando estava livre, e entrámos. Pegou no torrão de açúcar e disse:

– A criança não está nada bem! Virão daqui a duas semanas e trarão uma bacia pequena, uma boneca e uma fralda para bebé.

Duas semanas depois estávamos com ela. Pegou em todas essas coisas nas mãos, segurou-as, como se falasse algo e de repente, erguendo as mãos para cima, gritou:

– A doença voou, desapareceu! A criança está saudável, dentro de alguns dias irão buscá-la ao hospital!

Assim aconteceu, para grande surpresa dos médicos que não conseguiam explicar como a saúde da menina melhorara de repente e a deram alta como saudável.

O caso que vou contar refere-se ao neto de Koce por parte da irmã. Por profissão é engenheiro de tráfego. Devido a uma doença, fazia radioterapia em Skopje. Como resultado da radioterapia,

terminou com uma operação à anca. Implantaram-lhe uma anca artificial. Sentia-se muito bem e andava com ajuda de canadiana, mas dentro de si tinha alguma dúvida. Pediu-me que fosse ter com a tia Vanga e ouvisse a opinião dela.

Fui para Rupite. Expliquei-lhe o que se passava com o rapaz e esperei ouvir o que diria. Pegou no torrão de açúcar nas mãos e disse:

– Não vejo nada de mau. A partir de hoje, que conte um ano. Ficará completamente bem!

O tempo passava. Um dia, o neto entra pelo portão e diz-me:

– Tia, o que notas?

Olho para ele, mas não noto nada.

– Hoje é o dia em que faço um ano, como disse baba Vanga, e esta manhã deitei fora a canadiana!

A tia Vanga era incrível! Com grande precisão previa o que iria acontecer.

A filha Suzana, quando concluiu a escola, passou um ano sem trabalho. O diretor da fiação «Strumichanka», onde trabalhava o pai dela, era colega dele e minha amiga. Empregou a filha na loja deles. Passados cinco ou seis anos, a fábrica foi à falência e assim ficaram dois anos. Passados dois anos, alguns regressaram ao trabalho, outros ficaram em casa. Entre os que ficaram em casa estava a minha filha.

A diretora Liljana prometia-me, mas o tempo passava. Trabalho não havia, e era preciso viver de algo. Tive de perguntar à tia Vanga como acabaria aquele assunto. Comecei a explicar-lhe por que viera ter com ela, mas ela nem me deixou terminar. Começou:

– Ora, ó rapariga, vejo uma mulher grande, e grande também na posição, com belos anéis nas mãos, não é tua amiga, ela vai readmiti-la no trabalho e isso numa loja.

Tudo o que a tia Vanga me disse, contei a Liljana. Ela riu-se e disse-me:

– De ti uma pessoa nada pode esconder! Vou abrir uma loja de produtos alimentares e lá empregarei a Suzeta!

Assim acabou.

Muitas vezes falava a Liljana sobre a tia Vanga e queria que pelo menos uma vez fôssemos ter com ela para a conhecer. Apesar do seu grande desejo, nunca chegámos a um encontro, do que mais tarde muito se arrependeu. Hoje, quando penso nesses acontecimentos, nenhuma das duas está entre os vivos. Um dia Liljana disse-me:

– Fimka, tenho uma colega, diretora da «Struzhanka» de Struga. Tem problemas com o filho. Queres ir ter com a tia Vanga, já lhe falei de ti. A mulher mandou também trutas para ela. Prepara-as como sabes e Stojan (o marido) levar-te-á no nosso carro.

Assim, os dois com Stojan, carregados de presentes e das trutas, chegámos a Rupite. Era meio-dia. Ela estava sentada com algumas pessoas no banco à frente do portão.

– Trago-te saudações da minha amiga, a mulher grande!

– Bem, o que quer ela?

E dou-lhe duas fotografias do rapaz por quem fomos. Pegou nelas nas mãos e começou:

– Aqui vejo uma criança mimada com cabelo longo e encostada ao carro. A mãe dele que não se preocupe nada. Toda a vida lhe satisfez

todos os desejos e agora ele fará como planeou. Ficará com aquilo que quer! A rapariga com quem namorava há muitos anos deixou-a, porque entretanto conheceu uma cantora de Belgrado.

Ao meu lado estava Stojan. E apresento-o como marido de quem é. Ela, como se disparasse uma espingarda:

– Tu o que fazes, ó rapaz?

– Sou jurista, tia Vanga!

– Eh, eh, eh! Tu não és jurista, ó rapaz, tu estás num cargo!

Stojan ficou atónito com a resposta dela.

Era a primeira vez que a encontrava e não sabia que diante dela não havia mentiras. Ela conhece a grandeza de cada um que se põe à frente dela.

Queria aproveitar o encontro e perguntar-lhe mais algo. Há três anos roubaram-lhes o carro em Salónica e dele não há qualquer rasto.

– Tia Vanga, roubaram-lhes o carro...

E ela:

– Onde, ó rapaz? Em Salónica?

– Sim! – responde.

– Três é que eram?

– Três! – responde afirmativamente.

– Aqui está, uma «Lada» vermelha! Estacionaram-na num canto, mas vieram três atrás de vós e levaram-na. Agora já é tarde... O carro foi levado para além do Mar Branco.

Stojan estava espantado! Com que grande precisão descreveu os acontecimentos!

As minhas visitas de vez em quando continuavam, mas esta ficará memorável.

No verão de 1991, a Jugoslávia, o país onde vivi e cresci, foi abalada por grandes acontecimentos. Ameaçava o perigo de guerra, mas

a pessoa comum acreditava que não chegaria a tanto. Pessoalmente, também eu acreditava nisso. Mas o que a tia Vanga me diria, nenhum de nós esperava.

A 1 de setembro de 1991, dois meses após o início dos confrontos na Eslovénia, eu estava com ela em Rupite. Mal me sentei e lhe beijei a mão, ela começou:

– O que aconteceu lá em casa, ó rapariga?

Eu calmamente respondo:

– Acalmar-se-ão, tia Vanga, acalmar-se-ão num ou dois meses.

– Quem se acalmará, ó rapariga, eles bater-se-ão durante anos!

Eu não sabia o que responder, o cérebro parou-me.

– Portanto, haverá guerra! – digo-lhe, e ela respondeu:

– Haverá, como não!

– Como assim, e nós, a Macedónia, o que será de nós?

– Na Macedónia não haverá guerra, só cuidai para que os albaneses não entrem, deles tereis aflições.

Regresso a casa. No trabalho conto as palavras da tia Vanga. Todos se agarram à cabeça. Se acontecer assim, quantos dos nossos filhos são soldados no Exército Jugoslavo, por quem morrerão os nossos filhos, quantas mães se vestirão de negro!

Os acontecimentos desenrolaram-se assim. Quarenta soldados da Macedónia perderam a vida nos focos de guerra pela Jugoslávia numa guerra desnecessária que durou quatro anos. Quanto às aflições que previu para a Macedónia, ainda as temos passados 20 anos. Esperemos que Deus nos ilumine e acalme as mentes e as paixões.

As minhas frequentes viagens à Bulgária eram também por causa do grande número de parentes que tenho lá. A minha avó por parte da mãe é da aldeia de Jakovo, na região de Petrich.

Temo-los por toda a Bulgária, mas a maioria em Petrich e Sandanski. Em Sandanski tenho duas primas que visitávamos frequentemente, dormíamos em casa delas e até tarde da noite divertíamo-nos e cantávamos. Numa bela noite de verão estávamos na varanda a cantar até tarde.

Seis meses após essa noite, estava com a tia Vanga. Entro com «Bom dia, tia Vanga!», e ela recebeu-me de mau humor:

– Ó rapariga, que tipo de pessoas sois vós? Tendes juízo nas vossas cabeças? Fostes a casa das filhas dos Palunovi em Sandanski, comestes, bebestes e cantastes a noite inteira. Não sabíeis que no vizinho havia uma jovem morta de cancro?

Eu calo-me, ela fala.

– Ó tia Vanga, como haveríamos de saber o que se passa no vizinho deles? Éramos hóspedes, a culpa não é nossa.

Passado algum tempo, a raiva passou-lhe e disse-me:

– Ora, senta-te, pelo menos que tivésseis entrado dentro, e não na varanda para todo o bairro vos ouvir.

Nunca me sentira tão envergonhada diante dela. Como podia, ainda da porta, dizer-me algo que acontecera há seis meses? Eu quase o esquecera, esse acontecimento.

Há 30 anos, o meu irmão construía casa. Um dos mestres estava muito entusiasmado com a escavação de ouro antigo. Falava constantemente de mapas antigos, desenhos e acreditava que um dia a sorte o iluminaria também a ele. Quando soube da minha ligação com Vanga, não parava de me pedir que levasse terra de algum lugar de que tinha a certeza que havia grandes quantidades de ouro. Embora soubesse que a tia Vanga não gostava de se ocupar com tais coisas, pois para ela só o dinheiro ganho com suor é abençoado, mesmo assim fui.

Conversávamos sentadas uma em frente à outra. Pensava e admirava-me de como lhe dizer por que viera. Mas ela é, afinal, Vanga!

– O que trazes nas mãos, dá-me a ver!

Mal pegou no pequeno saquinho de pano nas mãos, começou:

– Isso é terra, para dinheiro!

Começou a descrever o lugar, o caminho para Radovish à esquerda em direção a uma aldeia.

– À entrada da aldeia há uma grande pereira. Nove passos da pereira para oeste, encontra-se uma carga de moedas de ouro. Esse lugar no tempo turco era um poço e chamava-se At-bunar. Esse dinheiro é de comitadjis recolhido para a Organização. Esse dinheiro traz grandes maldições. Os comitadjis *(guerrilheiros)* à força tiravam o ouro dos pescoços das raparigas e das noivas. Muito pranto foi derramado! Podem escavar, mas se não encontrarem um aparelho preciso, não o tirarão! – via a tia Vanga.

Sei que nada aconteceu. O dinheiro ficou debaixo da terra. Afinal, a terra esconde os maiores segredos!

Enquanto estava sozinha, preenchia o tempo com atividades socialmente úteis. Assim, durante muitos anos fui ativista da Cruz Vermelha e dava cursos de primeiros socorros. Dava cursos também em várias aldeias para jovens e viajava com o meu «Fico».

Um dia viajava para a aldeia de Bansko. O curso realizava-o no edifício da escola. Era mês de março e os agricultores limpavam os seus campos de ramos secos, ervas daninhas e outros poluentes. Às 17 horas apagaram-se as luzes, acabou a eletricidade. Esperámos 10-15 minutos e liberei os cursistas para irem embora.

Passado algum tempo, entrei no carro e parti para casa. Saí da aldeia para a estrada principal. Vejo – todo o campo na escuridão. Toda a região de Strumica sem eletricidade. Acendi os máximos. Passei as últimas estufas. Aqui a estrada para a aldeia de Murtino faz uma curva à esquerda. A duzentos metros antes das luzes vejo – do lado esquerdo do asfalto arde uma fogueira. Pensei que os aldeãos queimavam os ramos secos, mas como assim mesmo na estrada! O fogo era do tamanho de uma grande mesa.

No momento em que me aproximava, ele desaparecia e aparecia em menor volume, novamente a cerca de duzentos metros à frente das luzes. Nesse momento arrepiei-me! O que poderia ser este prodígio? Quando me aproximava, ele desaparecia novamente e aparecia em forma de uma bola iluminada maior, novamente à mesma distância. Conduzindo, aproximava-me da bola, mas ela começou a rolar pelo lado esquerdo e no momento em que devia passar a ponte antes da aldeia de Murtino, ela rolou para debaixo da ponte.

Continuei o caminho. Entretanto, voltou a eletricidade e assim cheguei a casa em segurança.

Este acontecimento misterioso contei a alguns amigos meus, mas recebiam-no com reserva cautelosa.

Dentro de mim sabia onde procurar a resposta.

No próximo encontro com a tia Vanga, contei-lhe toda a ocorrência. Eis a resposta dela:

– O primeiro lugar onde te apareceu o fogo era o antigo caminho para Bansko. Lá há salgueiros. (Isso era completamente exato.) Isso são moedas de ouro que emitem luz. Mostraram-se a ti, mas esse dinheiro quer kurban. Se quiseres saber o que querem, farás o seguinte: À noite, tarde, nesse lugar espalharás uma fina camada de cinza e cobrirás com um pano fino. De manhã, cedo antes do sol, irás ver que sinal há na cinza debaixo do pano. Se for de animal, sacrificarás o kurban no lugar, se for pegada humana – não mexas, querem vida humana.

Essa conversa perturbou-me muito. Porque me acontecem tais coisas?

Ao partir, disse-me:

– Sabes quantas famílias se tornaram cinza por causa de tal dinheiro? As pessoas pensam que é assim, vou tirá-lo, enriquecer, sem trabalho ficarei rico. Mas assim não pode ser! Tal dinheiro traz maldições e não sabes quantas gerações o pagarão!

Para mim já era pouco – três partimos para a Bulgária, dois regressei em caixões, ainda iria desafiar o destino? Se realmente fosse dinheiro, ainda hoje lá está no seu lugar, até que alguém outro o ponha em tentação.

A tia Vanga a milhares de pessoas dava esperança, tranquilidade, curava-as, mas o mal também a ela não poupou. Também ela era apenas humana. No fim da vida adoeceu com a doença mais grave. Nos últimos dois anos ia mais raramente. Não queria perturbá-la, mas o destino quis fazer-me mais um bem, e depois partir deste mundo.

A minha neta, Fimcheto, quando fez um ano, tinha problemas com os intestinos. Como mastigava a comida, assim, triturada, a expulsava. Os nutrientes não eram aproveitados, e os médicos não sabiam como curá-la. Passou um ano inteiro, a criança enfraqueceu e começou a cair no quintal.

Como se o juízo me parasse, de forma nenhuma me lembrava de ir ter com a tia Vanga. Não a via há 7-8 meses. Uma manhã, em maio de 1996, no trabalho veio ter comigo Katica Churlinova. O meu pai batizara-a, e ela dirigia-se a mim como kalimanka[3], embora fosse muito mais velha do que eu. Saí para o corredor e ela disse-me:

[3] Comadre

– Ontem estive em Rupite. A comadre Vanga (as duas filhas dela, já adultas, foram batizadas pela tia Vanga) está muito doente. Tenho uma

encomenda para ti. Quer krashnik enrolado com peixe. Disse-lhe que tu és boa nisso. Faz esse trabalho, será o último!

Na manhã seguinte, o krashnik e os peixes estavam prontos e eu às 14 horas estava em Rupite.

Vitka, a mulher que a cuidava há dez anos, não acreditava que fosse uma encomenda da tia Vanga.

– Sabes que ela já é uma viajante!

Fui a Sandanski e à noite, às 20 horas, regressei. Quando entrei, o jantar estava posto. A tia Vanga, apoiada em cinco almofadas, ficara como um franguinho. À frente dela o prato com o krashnik e os peixes com cebola. Aqui estavam a filha de Vitka, o filho adotivo dela Mitko e um militar. Mal entrei, Mitko levantou-se para me saudar e disse:

– Esta é a mestra do jantar!

O homem de uniforme militar levantou-se, saudou-me, beijou-me a mão e disse:

– Nunca na vida comi algo tão bom!

E eu sentei-me à mesa. Jantámos e todos se

foram embora. Vitka deitou a tia Vanga e com os olhos fez-me sinal para eu também ir.

Peço-lhe que saia, quero perguntar algo à tia Vanga.

A mulher olha-me espantada.

– Não vês que ela é uma viajante?

Ela não sabia da minha aflição.

Sentei-me na cadeira junto à cabeça dela e calo-me. Se esperar mais, talvez adormeça. Por isso reuni forças e dirijo-me a ela:

– Tia Vanga, não sei se me ouves, mas eu tenho uma aflição muito grande...

Passam um ou dois minutos, ouço como com voz fraca e baixa me diz:

– Diz!

E explico-lhe o que se passa com a minha neta. Não tenho juízo na cabeça...

Calou-se alguns minutos, e depois disse-me:

– Não te preocupes, passará!

Recebi a resposta que esperava. Sabia que da minha Fimche a doença desapareceria.

Abracei-a, beijei-lhe a mão e disse-lhe:

– Ora, com saúde!

E não sabia se nos veríamos novamente...

Em casa esperavam-me com grande ansiedade.

– O que aconteceu? Entraste? Disse algo? O que disse?

– Disse que passará!

– Bom, e o que lhe damos?

– Nada, assim passará!

Os jovens não sabem do grande poder da tia Vanga.

– Só isso, passará!

Passaram apenas dois ou três dias, as fezes da criança começaram a ganhar alguma forma. Numa semana teve fezes normais. Começou a alimentar-se sem restrições. A criança voltou ao estado normal. Desde então passaram dezoito anos. A minha neta não tem qualquer problema. Numa semana convenceram-se de algo que não conseguiam compreender nem entender. A tia Vanga curava sem medicamentos. Não foram em vão as suas palavras: «DEUS vos ajuda, não eu. Aqui não venhais sem fé! Nada acontece sem a providência de Deus.»

Agora estou certa de que ela sabia da minha aflição, e para eu ir ter com ela, encomendou o krashnik *(doce tradicional da região de Strumica, na Macedônia do Norte)*.

Para grande pena de todos nós que a conhecíamos e daqueles que acabaram de a conhecer, essa mulher maravilhosa deixou-nos a 11 de agosto de 1996. O seu último desejo foi ser sepultada em Rupite, em frente à igreja «Santa Petka», construída com o dinheiro que o povo lhe deixava em sinal de respeito e gratidão. Gastou muita energia e sofreu nervosismo enquanto se construía a igreja, mas ao mesmo tempo dela retirava a força. Deus dignou-a a assistir à consagração da igreja.

No dia do funeral, um rio de povo confluía para Rupite – de pessoas simples e comuns com carroças puxadas por cavalos, aos maiores políticos e personalidades conhecidas. Aqui estavam conhecidos e desconhecidos, próximos e distantes, milhares dos seus afilhados com os seus filhos... Com lágrimas nos olhos despediam a grande profetisa, baba Vanga, no caminho sem regresso.

No seu túmulo, diariamente, centenas de pessoas se inclinam e com montes das flores mais belas cobrem a sua morada eterna.

Na comemoração dos quarenta dias da sua morte, nós, alguns próximos da cidade natal, fizemos uma grande travessa de baklava que foi

distribuída a todos os presentes nesta triste memória junto ao seu túmulo em Rupite.

Tinham passado dois anos da sua morte quando visitei o túmulo. Depositei flores que mais gostava; levei banitsa que sempre comia com apetite, e levei uma oferta para a igreja «Santa Petka». Então comprei todos os livros que foram publicados sobre ela após a sua morte.

Dezassete anos sem ela entre nós, mas só fisicamente. Ela está constantemente comigo, muitas vezes visita-me nos meus sonhos, conversamos como antes – eu pergunto-lhe, e ela responde. Alegro-me quando em tais sonhos, que ela chamava visões, encontro os meus entes queridos. Eles dão-me esperança de que após a morte física, a alma continua no mundo espiritual.

Não posso terminar o meu relato sobre a ligação com a tia Vanga, sobre a sua presença na minha vida, sobre a ligação entre os vivos e os mortos, se não vos contar pelo menos um dos sonhos que sonhei. Perdoai-me se erro!

No longínquo ano de 1969, após a morte do meu marido, o espírito dele estava comigo todas as noites. Parecia-me viver duas vidas diferentes e paralelas – uma em estado de vigília, e outra em sonho.

Uma noite, no sonho, vi Trajcho como entrava com uma multidão num grande edifício. E

eu entrei também. Encontrei-me numa grande sala com cadeiras dos dois lados. As pessoas que entravam na sala não estavam lá dentro, como se tivessem saído pelo lado oposto. Mas, do lado direito, sentavam-se dois jovens, um dos quais era Trajcho.

Parei atrás deles e dirigi-me a Trajcho:

– Ah, estavas aqui!

Ele respondeu-me:

– Fime, vai-te daqui, o teu lugar não é aqui!

– Ora, agora que te encontrei, não vou a lado nenhum! – digo-lhe.

Quando viu que continuava de pé, dirigiu-se ao que estava ao lado dele para se mexer um lugar à esquerda. Eu com um passo passei e sentei-me entre eles. Agarrei Trajcho pelo braço, e ele vestido com o fato com que o enterrámos.

– Sabes, digo-lhe, há alguns dias sonhei com a tua mãe e pediu-me banitsa, folhas finas com fermento e hoje levei ao túmulo.

– Ah, ah, apanhámos, apanhámos! Estava muito boa!

– Sabes, quando ao domingo vou ao cemitério, conto os meus sonhos às tuas irmãs, mas elas como se não acreditassem. A tua irmã mais velha diz:

– Fimka, Fimka-a-a! Eles já apodrecerão, e tu contas-me sonhos!

Ele olha para mim e diz:

– Só as ouço, sabes que elas não acreditam. Não lhes contes, porque lhes contas?

– A tua irmã diz constantemente: «Como compraram esse carro velho, trouxeram a morte!»

E ele:

– Tu sabes bem, a culpa não é do carro, eu não consegui travar.

Agarro-lhe a testa. Quando morreu, aqui tinha uma ferida do vidro, agora não há nada.

– Diz ao Kiro – dirige-se ao que está à minha esquerda –, aqui não importa como morreres!

Olhei para o rapaz ao meu lado. Jovem, de fato azul-escuro, camisa branca e gravata, com cabelo preto farto. Agora pergunto-lhe:

– Tu de onde és? (Porque sei que Trajcho morreu.)

– Também sou de lá, com Trajcho.

– Quando morreste?

– Morri há muito tempo. Tu não me conheces, tinhas esta altura (mostra com a mão) quando morri.

– Quem és tu? – pergunto.

– Sou Kiro Vragaljako.

No sonho, penso rapidamente se conheço uma família com esse nome que tenha um jovem morto. Na rua de baixo, debaixo da minha casa, há uma família Vragaljakovi, mas eles não têm irmão morto.

Dirijo-me a ele:

– Não te conheço!

Ele olha para mim e repete:

– Não, não me conheces, tinhas esta altura (mostra novamente com a mão) quando morri.

Pela mão com que me mostrava quão pequena eu era, podia concluir que tinha três a quatro anos. No sonho faço a conta: se era assim pequena, e agora tenho 27 anos, passaram mais de vinte anos.

– Eh, Kiro, Kiro, agora em casa pensam: do Kiro nem osso há, e vós aqui com Trajcho andais a passear! – digo-lhe.

Os dois começaram a rir alto e a dobrar-se.

– Eh, ó Fimka, se soubésseis quão bem estamos, também vós quereríeis morrer!

Nesse instante acordei. Como se regressasse de outro mundo. Eram cinco da manhã. Fui ter com a minha mãe. Ela já se levantara.

– Mãe, conheces alguma família Vragaljakovi que tenha um filho jovem morto?

– Há uns lá em baixo, junto à torrente, perto do forno, mas tu não o conheces, morreu há muito tempo. Não se lembrou do nome, e eu não lhe disse.

Quando o meu pai se levantou e ouviu do que falávamos, disse à minha mãe:

– Eh, tu! Não sabes, chamava-se Kiro!

À minha história do sonho, não sabiam o que dizer. Após a explicação, lembrei-me da mãe dele, baba Stojna. Ela na minha ambulância levava regularmente os netos para injeções. Decidi visitá-la em casa. Encontrei a casa e chamei baba Stojna. Ela espantou-se quando me viu no quintal dela, e ainda por cima tão cedo. Após saudá-la, perguntei-lhe:

– Tens um filho morto?

– Tenho, filha, mas tu não o conheces. Morreu há vinte e quatro anos.

Quando baba Stojna ouviu o meu sonho, quase desmaiou. E descrevi-lhe como o filho dela estava vestido. Ela confirmou o mesmo.

Trouxe-me uma fotografia para o ver, mas nela estava mais magro. A mãe dele disse que, quando se fotografou, estava doente.

Na minha primeira ida ao cemitério, encontrei o túmulo dele, acendi-lhe uma vela e agradeci-lhe a visita.

Acredito que a alma da mãe dele, após vinte e quatro anos, encontrou um pouco de tranquilidade.

A morte é eterna companheira do homem. Vem inesperadamente e leva-nos, mas muito mais importante é como vivemos a vida. O amor desinteressado e ilimitado que partilhamos com os nossos entes queridos e todos os que nos rodeiam tornar-nos-á felizes.

O homem ao longo da vida deve aprender a partilhar, a dar. Só quando dá e torna felizes os outros sentirá a verdadeira felicidade. Por isso devemos aspirar à riqueza espiritual, porque a material destrói-nos. A tia Vanga muitas vezes dizia: «Não nascemos só para a felicidade. As dificuldades que encontramos na vida são meio de purificação do espírito.»

Muitos de nós nos momentos difíceis dirão:

«Ó Deus! Onde estás? Ajuda-me!»

Deus está aqui, em nós, à nossa volta, e a nós cabe invocá-lo todos os dias, todos os momentos. Sempre que o chamarmos virá, pois Ele é o nosso pai, e o pai nunca quer que os filhos sofram.

Esta minha confissão quero que fique como testemunho da minha amizade firme e sincera com a tia Vanga; como leitura para os meus filhos, netos e gerações futuras; para que se lembrem e saibam que a mãe, avó e bisavó deles foi contemporânea e amiga próxima da mais famosa vidente, de um profeta vivo, que um dia, talvez, será santa e continua a viver nos nossos corações.

Os seus dons ficarão como lenda que constantemente será contada e transmitida de geração em geração.

Conversas com a eternidade

(Breve visão sobre o livro «Vanga... e ...Eu» de Fimka Gogova Mikhailova)

A tia Vanga não é um mistério. Foi transformada em mistério pela ignorância e pela relutância em penetrar na essência das suas capacidades... Ela vivia em silêncio e modestamente e ajudava as pessoas. À sua volta não fazia alarido nem queria sensacionalismo. Não a seduziam a fama e as honras. Ela, simplesmente, ajudava o homem sem pedir gratidão...

Dimitar Filipov

(Do livro «Tia Vanga e a santidade e sabedoria»)

Todos nós somos parte da história.

Todos nós somos parte da eternidade.

Mas nem todos podemos compreendê-la, e ainda menos mergulhar nos seus segredos; não podemos vê-la e – prever; compreendê-la e explicar... Isso é privilégio só dos dotados e eleitos.

Tal foi baba Vanga.

Quem foi Vanga? Qual foi o seu poder? As suas visões do mundo?

A estas perguntas, de forma discreta, modesta e legível, silenciosa e impressionante, volta-se Fimka Gogova Mikhailova no seu primeiro livro «Eu... e ...Vanga». A temática no livro é rara e muito interessante. A autora tenta, e logo diremos que o consegue, aproximar-nos

da conhecida profetisa e clarividente, o fenómeno de fama mundial, Vanga – Vangélia Gushterova

«...que durante cinquenta e cinco anos, como escreve a autora, incansavelmente ajudava todos os que batiam à sua porta.» O livro formalmente divide-se em duas partes, mas essencialmente é uma unidade que se entrelaça no conteúdo.

No início, a autora não nos introduz diretamente na essência da obra, lançando um olhar fugaz sobre os motivos que a levaram a escrever este pequeno, mas interessante livro. Faz isso de forma muito lapidar, condensada, numa única frase, sublinhando que o faz devido à «...grande amor e admiração que sentia pela pessoa e pelo fenómeno que era Vanga, pelo seu imenso amor ao próximo e pelos seus esforços em dar tranquilidade e fé a todas as pessoas, inspirando-lhes coragem e esperança.» Simples e – belo!

A beleza deste livro reside na simplicidade e sinceridade da apresentação. Graças à sua grande memória, Fimka Gogova Mikhailova transmite as suas recordações da grande profetisa, a quem chama tia Vanga, de forma tão autêntica que nos sentimos parte da história. Realmente pictórico e objetivo.

O livro foi escrito sob a forma de memórias, sem recorrer a literatura auxiliar. Tudo é de «primeira mão», autêntico, como se diz «da fonte», puro, não turvado. Graças a isso, a narrativa flui silenciosa e discretamente, como um rio calmo.

A autora, em traços breves, familiariza-nos com os dados biográficos de baba[4] Vanga. Assim,

[4] Baba, não como adjetivo, mas por respeito, como fundido ao nome próprio. Por isso, com maiúscula.

ficamos a saber que nasceu em Strumica e que cedo ficou sem mãe. Fugindo da miséria e da incerteza de ver o dia de amanhã, o pai dela! muda-se para Novo Selo, na região de Strumica, onde começa a verdadeira história de Vanga, tal como o povo a conhecia.

Um acontecimento trágico será a causa de ela perder a visão. O pai dela, apesar da grande pobreza, esforçou-se muito por curar a filha. Mas nem as intervenções cirúrgicas em Skopje e Belgrado ajudaram. Ela ficou cega, mas com a bênção de «ver» coisas que para o mortal comum é algo impossível. Com este fenómeno ocupou-se e ainda se ocupa a ciência, mas ainda não foi explicado. Permanece um grande enigma. Após a morte do pai, ela e a irmã mudam-se para Petrich, República da Bulgária, onde

casou. Em Petrich e Rupite, lugar entre Petrich e Sandanski, passará toda a sua vida, ajudando as pessoas.

Na segunda parte do livro é descrita a vida da autora desta obra singular e o entrelaçamento da sua com o destino de Vanga. Como um sussurro silencioso flui o pensamento de Fimka Gogova Mikhailova e imperceptivelmente se aninha na nossa memória. Nascida no turbilhão da Segunda Guerra Mundial, quando reinava a morte e a vida parava, ela escreveu: «Apesar da guerra, que levou muitas vidas, a vida não para. Casavam-se e matrimoniavam-se, nasciam crianças, morria-se... e continuava-se segundo algum plano que alguém traçara por nós. Num tempo tão difícil e sombrio, também eu vim a este mundo, trazendo alegria e luz à minha família...»

Os primeiros conhecimentos sobre Vanga, a pequena Fimka obteve-os da mãe, que aos filhos contava episódios da vida enquanto enfiavam ou penduravam tabaco. Assim, soube que com Vanga eram vizinhas. Uma cerca de canas separava os quintais. Algumas descrições no livro têm um tom etnológico, resultado do dom da autora. Ela dirá isso de forma muito simples e cristalina: «Tia Vanga, assim a chamava desde que a conheci, era a vizinha mais próxima e também amiga da minha mãe. Embora mais tarde separadas por fronteiras, a amizade delas durou até à morte. É exatamente esta amizade e os meus preciosos encontros com esta mulher maravilhosa que dedicam a maior parte deste livro.

Os nossos antepassados respeitavam muito os vizinhos. E confiavam neles. Os quintais eram separados por cercas, e as cercas de varas eram fáceis de remover, de modo que os quintais vizinhos ficavam sem fronteiras... Isso permitia que as relações entre as pessoas fossem mais fortes, que se vissem mais vezes, que fossem mais abertas e sinceras. Partilhava-se não só a palavra, mas também o pão.

Cresceram com os costumes do povo e educados no espírito popular, os nossos antepassados guiavam-se pela sabedoria popular, segundo a qual primeiro vemos o vizinho e só depois o Sol. Por isso partilhavam sinceramente tanto a alegria como a tristeza; ajudavam-se nas tarefas domésticas; teciam; bordavam; tricotavam... Assim se equipavam as casas, assim se preparava também o enxoval das raparigas.»

A autora é modesta na descrição da sua vida. Não se expõe, não potencia o seu ego. Embora escreva na primeira pessoa, dá prioridade às outras personalidades e aos acontecimentos que se refletiram na sua vida.

Ela sonha de olhos abertos, anseia por felicidade e parcialmente os seus anseios realizam-se. Concluiu a escola que desejava desde pequena, casou, tornou-se mãe de duas crianças maravilhosas que são o sentido da sua vida... Mas a sua felicidade durou oito anos, como nas canções populares: «Até oito anos.» E depois – abismo! Tristeza e dor... Num grave acidente de viação, o marido e o sogro perdem a vida.

O choque e o desespero acalmam devagar e a mulher tenaz e confiante aos poucos se ergue e olha corajosamente nos olhos da vida e todas as dificuldades que traz consigo... «Embora tenha ficado sozinha, não permiti cair no desespero, nem queria que me tivessem pena. Estava pronta para enfrentar a vida sem ceder.» Segue-se uma luta tenaz, mas persistente, até voltar a pôr-se de pé.

O primeiro encontro entre a autora deste livro e baba Vanga é virtual, diria místico. Quando numa noite de verão um rapaz a quem não era indiferente a acompanhou a casa, deitou-se, mas o sono não lhe vinha aos olhos. Nas estrelas procurava resposta para a multitude de perguntas que lhe fervilhavam na cabeça. «Assim deitada e meio a dormir – escreve ela –, das canas junto ao quintal da tia Vanga vem uma voz como se saísse da terra:

– Fii-m-ka-a-a! Fii-m-ka-a-a! Fii-m-ka-a-a!

Três vezes, arrastada, através do sussurro das canas ouço o meu nome, e a voz continua:

– Não te enganes! O teu lugar não é lá! O teu lugar é do outro lado da cerca!

Estarei a sonhar ou a ouvir acordada!?»

O primeiro encontro verdadeiro aconteceu em 1961. A este encontro a nossa autora dá

um espaço especial, descrevendo-o com a devida atenção. Desde então começa a sua amizade e sincero convívio que durou até à morte da grande profetisa. Fimka Gogova Mikhailova é testemunha dos esforços que Vanga faz para ajudar as pessoas. Centenas e centenas de infelizes esperam na fila para contar as suas aflições; para encontrar ou curar o filho, o irmão, a irmã... Tais filas de pessoas que procuravam consolo ou solução para o seu problema esgotavam baba Vanga.

Ela muitas vezes se queixava aos próximos: «Porque me deu DEUS esse dom? É um castigo para mim. O dia inteiro ouço as aflições das pessoas; quando à noite vós dormis, eu vejo as aflições de todo o povo.

Não suporto esse fardo. Cada um vem, conta a sua aflição e parte... Ninguém me pergunta se eu tenho aflição, se preciso de algo... Pois também eu sou apenas humana!?»

Após ficar sozinha, também a autora deste livro enfrentou várias vezes um fenómeno – sonhos e visões. Muito interessante é o episódio que aconteceu uma noite no complexo monástico dos «Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis». Então, na pequena divisão onde dormia com uma das crianças, do ícone de Jesus Cristo surgiu uma luz divina. Tais sonhos e visões teve várias vezes.

Fimka Gogova Mikhailova escreve com sinceridade e calor. O seu estilo é claro e acessível para leitura. A frase é medida, e a expressão compreensível e próxima do leitor. Embora este tipo de prosa, por regra, seja pesada para ler, neste caso temos um livro cheio de elementos líricos, que lhe dão um encanto especial e nos «arrastam» a lê-lo de um fôlego. Num lugar encontramos: «...Durante algum tempo escutei assustada, mas não ouvia nada, além do silêncio...».

Das profundezas do tempo, fundida com a eternidade, paira diante de nós a figura de Vanga: criança infeliz, órfã que numa terrível tempestade perde a visão, rapariga sobre cujos ombros frágeis cai o peso da responsabilidade pela casa e o cuidado dos irmãos e irmã mais novos, pois ficaram também sem pai; esposa e dona de casa, orgulhosa e digna...

Paralelamente a esta figura quente e humana, da eternidade emerge a figura de outra Vanga, a mundialmente conhecida clarividente e profetisa, mulher que curava o corpo e o espírito; que podia ver o passado, mas também o futuro; personalidade com vastos conhecimentos sobre a vida que interpretava de forma com fio filosófico, dizendo que tudo acontece agora; que não há passado nem futuro; que o que vê, seja bom ou mau, o que quer que diga, não mudará; que a pessoa nasce com o seu destino, bom ou mau... Ela aconselha paciência e esperança. Transmite que Deus quer paciência. Mas ela, no fundo da alma, está solitária e muitas vezes dizia que «...o maior companheiro na vida é a solidão...».

Escrevendo sobre este nobre fenómeno de mulher, Dimitar Filipov escreverá: «Tia Vanga, sem dúvida, é eleita, mas não favorita do destino, se tivermos em conta com quantas dificuldades se defronta e luta todos os dias... Mas a vida é luta e nisso reside a sua maior beleza.» Muitas vezes a figura da pessoa comum e do profeta se misturam, mas o leitor atento sempre saberá distingui-las.

Segundo a autora deste livro maravilhoso, a tia Vanga, como a chama, adorava muito flores. No seu jardim tinha as mais variadas flores. Numa ocasião até se expressou que comunicava com as flores e que não deviam ser cortadas para jarra, mas oferecidas em vasos ou plantadas na terra. Que alma nobre! Ela própria tricotava, cozinhava, mantinha a casa. Interessava-se por tudo relacionado com a cozinha, e cozinhava pratos muito saborosos. Sabia brincar, fazer perguntas a que muitas vezes respondia ela própria pois os interlocutores não se lembravam... Realmente uma personalidade forte e dotada!

Embora durante longo tempo, quase toda a vida, tenha estado separada de Strumica, ela amava muito a sua cidade natal. «Para onde quer que a vida a levasse, o seu coração permanecia na cidade ao sopé das Torres do Czar. Ela estava ligada à alma a Strumica...»

– escreve a autora. Defendia que os Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis fossem patronos da cidade, dizendo que eles, durante a última guerra, e em anteriores conflitos bélicos, protegeram a cidade de maiores catástrofes e destruições.

Esses esforços dela realizaram-se. Hoje Strumica tem-nos como protetores.

Paralelamente à figura de Vanga, Fimka Gogova Mikhailova esculpe também a sua própria figura – de menina pequena a mulher madura que entrou na oitava década da vida. Segue-se uma corrente de vida digna de respeito. No início vemos uma menina ambiciosa, sensível em busca de uma vida melhor e ideais juvenis, mas menina a quem a vida não foi muito favorável. O dedo do destino castiga-a cruelmente tirando-lhe o marido no

flor da juventude e obrigando-a a ser para os filhos «...pai e mãe» como escreve ela própria. Mulher de carácter firme, não sucumbe às dificuldades e luta por uma vida honesta e digna que vive agora com o segundo marido, rodeada de filhos e netos que dão sentido à sua existência.

Destacam-se também as figuras dos pais dela, do marido prematuramente falecido Trajcho e do atual, Kosta; depois as crianças que têm total compreensão pela mãe e que foram preocupação, mas também esperança e apoio nos momentos mais difíceis. Impressionam também as figuras dos netos que descreve com amor. Galeria de figuras, mas bem e impressionantemente pintadas.

Após a morte de Vanga em agosto de 1996 foram publicados muitos livros sobre a vida e a atividade desta personalidade excecional. Parte

destes livros baseia-se em factos científicos, parte em conhecimentos pessoais, mas com um objetivo: lançar maior luz sobre a vida e a atividade de Vanga.

E este livro é uma bela contribuição nesse sentido. O conhecimento pessoal e a amizade próxima com Vanga, a autora utilizou para nos aproximar da figura complexa da profetisa que tanto deveu a milhares, se não centenas de milhares de pessoas. Escrito de forma simples, sincera e calorosa, a autora aproxima-nos das suas conversas com a eternidade, com o terreno e com o que está «do outro» lado. Ninguém pode pretender à perfeição, mas pode ser sincero e claro nas suas expressões. E Fimka Gogova Mikhailova é cristalina e determinada.

Após a leitura deste livro, muitos de nós começarão a refletir sobre o fenómeno Vanga; sobre as suas capacidades, sobre a relação com as pessoas, sobre a possibilidade de compreender e acolher todos no seu coração, de lhes dizer e mostrar como superar, ou pelo menos aliviar, o mal...

Esta obra será também uma bela contribuição para o rico tesouro da nossa, macedónia, cultura e literatura. Falando de Vanga, Fimka Gogova Mikhailova fala da humanidade, da persistência, da inabalabilidade e da dignidade de ser humano, que são valores universais a que todos devemos aspirar.

Por isso, este livro recomendo-o calorosamente para leitura.

Fimka Gogova Mikhailova nasceu em 1942 em Strumica, onde concluiu o ensino de oito anos. Desde pequena sonhava vestir uniforme branco e ser enfermeira. Felizmente, o desejo realizou-se e no ano letivo de 1957/1958 inscreveu-se na Escola Médica Secundária em Skopje, secção de enfermeiras. Concluiu a escola com excelente aproveitamento no ano letivo de 1960/1961.

Como aluna, Fimka Gogova Mikhailova distinguia-se pelo seu empenho tanto no estudo como nas atividades extracurriculares. Ativa também na Organização Juvenil, membro da Organização de Escuteiros. Participou também numa ação de trabalho juvenil. Como grande amante do livro, voluntariou-se como bibliotecária na biblioteca escolar durante quase três anos, o que contribuiu para ler mais e amar ainda mais o livro.

Logo após concluir a Escola Médica Secundária, empregou-se no hospital de Strumica, onde se destacou pela dedicação ao trabalho. Ativa também na vida sociopolítica no hospital e mais além. Foi durante longos

anos ativista da Cruz Vermelha a nível municipal e republicano, pelo que recebeu vários reconhecimentos municipais, republicanos e federais.

Devido à sua orientação humanitária, em 1971 foi nomeada enfermeira-chefe no Instituto de Reabilitação de Crianças e Jovens em Bansko, e depois enfermeira-chefe no Centro Médico de Strumica.

Foi delegada na Conferência Republicana das Mulheres, um mandato delegada na Comunidade Republicana para a Proteção Social e um mandato delegada no conselho sociopolítico da Assembleia do município de Strumica.

Pela sua atividade desinteressada e dedicação no trabalho recebeu numerosos reconhecimentos e diplomas, e recebeu também a Ordem do Trabalho com Coroa de Prata do Presidência da R.F.S. da J.

Realmente uma corrente de vida rica e preenchida de trabalho e conquistas.

O livro «Vanga... e ...Eu» é o seu primeiro livro.

Rico exemplo de que realmente nunca é tarde!